

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

**GUIA COM SUGESTÕES DE ATIVIDADES
PREVENTIVAS PARA A HTPC E SALA DE AULA**

**PROJETOS:
COMUNIDADE PRESENTE
PREVENÇÃO TAMBÉM SE ENSINA**

Governo do Estado de São Paulo

Governador

José Serra

Vice-Governador

Alberto Goldman

Secretário da Educação

Paulo Renato Souza

Secretário-Adjunto

Guilherme Bueno de Camargo

Chefe de Gabinete

Fernando Padula

Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas

Valéria de Souza

Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE

Presidente

Fábio Bonini Simões de Lima

Chefe de Gabinete

Richard Vainberg

Diretora de Projetos Especiais

Claudia Rosenberg Aratangy

Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Avenida São Luís, 99 – República
01046-001 – São Paulo – SP
Telefone: 11 3158-4000
www.fde.sp.gov.br



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

GUIA COM SUGESTÕES DE ATIVIDADES
PREVENTIVAS PARA A HTPC E SALA DE AULA

São Paulo
2009

CAROS EDUCADORES,

A educação é um direito fundamental que deve ser garantido a toda e qualquer pessoa. É, ao mesmo tempo, um meio para a realização de outros direitos fundamentais. Neste sentido, entendemos a Educação como um processo que deve estimular o pleno desenvolvimento da pessoa, de suas potencialidades, de valores e atitudes em favor de uma sociedade mais justa e menos desigual como a que ainda vemos atualmente.

Nesse sentido, os Projetos **Prevenção Também se Ensina** e **Comunidade Presente**, que há muitos anos dedicam-se a temas relacionados à educação preventiva – doenças sexualmente transmissíveis, HIV/aids, uso de álcool e outras drogas e violência – ampliam seu escopo, propondo, agora, a criação de uma cultura universal de defesa da dignidade humana, estimulando, inclusive, o respeito à diversidade e à pluralidade cultural da população brasileira.

Sob esse prisma, este guia tem como objetivo auxiliá-los na reflexão e no planejamento de ações voltadas para a diminuição do preconceito e da discriminação a que estão expostos não só os alunos, mas toda a comunidade escolar.

Sabemos que, na maioria das vezes, o preconceito e a discriminação a determinadas pessoas surgem em função de características consideradas social e/ou culturalmente negativas em relação a outras. Cor da pele, orientação sexual, gênero, necessidades educacionais especiais são alguns exemplos de situações em que a diferença se transforma em desigualdade.

Acreditamos que o conjunto de livros e DVDs, bem como as propostas práticas contempladas nesta publicação, possibilitem uma ampla reflexão sobre as mudanças necessárias para que a escola pública seja um espaço de confiança, um lugar para a liberdade, para a alegria e para o prazer da produção de conhecimento.

Bom trabalho!

Claudia Rosenberg Aratangy

Diretora de Projetos Especiais da FDE

CAROS PROFESSORES,

Esta publicação traz em seu bojo a semente de uma discussão sobre um dos papéis da escola, qual seja, o de ampliar as possibilidades e diminuir as diferenças para a geração presente e para as futuras. Neste sentido, o currículo, comprometido com seu tempo e entendido como espaço de cultura, favorece a construção da identidade, o desenvolvimento da capacidade de agir com autonomia e com consideração ao outro, entrelaçados pela incorporação à diversidade. A partir dessa base, valores e responsabilidade são construídos para o alcance da equidade, solidariedade e autonomia.

Vivemos em um mundo globalizado e tecnológico capaz de reduzir distâncias, aproximar ou distanciar pessoas, aumentar o acesso a informações e ao conhecimento, mas que também pode acentuar diferenças culturais, sociais e econômicas. Mas, por meio de uma educação de qualidade, poderemos diminuir e evitar as situações excludentes que decorrem dessas diferenças.

A partir do currículo do ensino fundamental e médio, cujos princípios orientadores apontam para a escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo atual, as atividades que integram este guia incorporam-se àquelas da programação curricular, na perspectiva de ampliação do trabalho do professor.

Ressaltamos o papel social dos educadores em sua função de atuar diretamente na formação de seres humanos, peças-chave na edificação de novos e de melhores tempos.

Que este material seja mais um passo importante na concretização deste ideal.

Valéria de Souza

Coordenadora de Estudos e Normas Pedagógicas

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Falar em educação preventiva nos remete, imediatamente, à prevenção do HIV e da aids. Também, não é para menos, já que, há pelo menos 25 anos, foi este o tema mais trabalhado e discutido nas unidades escolares.

No entanto, apesar da adequação e necessidade de se trabalhar com o intuito de diminuir a incidência de casos de infecção pelo vírus da aids, a prática cotidiana nos mostra que, na verdade, São Paulo e o Brasil carecem de um modelo de prevenção mais abrangente, ou seja, pensado para além das questões relativas somente à aids e a acidentes, por exemplo, estabelecendo-se uma relação estreita com a necessidade de operar mudanças em uma cultura na qual, por muitas décadas, mais se “tratava” do que se “prevenia”.

Foi assim que, a partir de 1993, adotou-se no país, como eixo norteador de toda e qualquer estratégia voltada para a prevenção, o referencial da vulnerabilidade¹. Este referencial, desenvolvido por Jonathan Mann (1993)², busca estabelecer uma síntese conceitual e prática das dimensões sociais, político-institucionais e comportamentais associadas às diferentes suscetibilidades de indivíduos, grupos populacionais e até mesmo nações às doenças e à exposição de situações onde existam riscos e/ou violências.

Essas circunstâncias, por sua vez, podem ser ordenadas em três ordens de fatores:

1. aqueles que dependem diretamente das ações individuais, configurando o comportamento do indivíduo a partir de um determinado grau de consciência que ele manifesta;

2. os que aludem às ações comandadas pelo poder público, iniciativa privada e agências da sociedade civil, no sentido de diminuir as chances de ocorrência do agravo;

3. o conjunto de fatores sociais, que dizem respeito à estrutura disponível de acesso a informações, financiamentos, serviços, bens culturais, liberdade de expressão, etc.

Assim, atualmente, quando se fala em educação preventiva, mais do que considerar a prevenção das doenças e suas consequências, analisam-se os fatores que influenciam as condições de vida e de saúde das pessoas (individual e coletivamente), entre eles as

1. Ayres, José Ricardo de C. M. O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas, DST e aids entre crianças e adolescentes. *Idéias*: FDE, São Paulo, n. 29, p. 15-24, 1996. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_29_p015-024_c.pdf.

2. MANN, Jonathan et al. (Orgs.). *A aids no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA; IMS; Uerj; Relume-Dumará, 1993. História Social da Aids, 1.

relações desiguais de gênero, classe, raça, cor da pele e etnia, os conflitos de geração, a diversidade sexual, uso de álcool e outras drogas e a privação de liberdade, bem como questões relacionadas à violência, ao estigma, à discriminação e outras violações de direitos humanos.

Um trabalho com educação preventiva na escola, portanto, não se esgota na transmissão de informações técnicas porque, isoladamente, elas não mudam atitudes e comportamentos cultural e socialmente construídos. Por esta razão, o ideal é que as ações sejam desenvolvidas de forma permanente e perpassassem todas as disciplinas (interdisciplinaridade), envolvendo todos os segmentos da escola (direção, coordenação, professores, funcionários, alunos e pais).

Mais do que isso, entretanto, é necessário qualificar os educadores a partir de encontros para aprofundamento dos temas relacionados à educação preventiva e fornecendo às escolas e oficinas pedagógicas materiais atualizados para fomentar as discussões. Esse é, afinal, o grande objetivo do Departamento de Educação Preventiva da FDE.

Equipe Técnica

Departamento de Educação Preventiva

11	A escola e os direitos humanos
	Síntese, com sugestões de atividades, das publicações paradigmáticas para apoio ao trabalho de educação preventiva com base nos direitos humanos
17	Menina bonita do laço de fita
17	Atividade 1 – Viva a diferença
19	Atividade 2 – Cabelos, cabelinhos e cabelões
21	Atividade 3 – Muito além das aparências
24	E se fosse com você?
24	Atividade 1 – A violência à minha volta
26	Atividade 2 – Posso fazer diferente
28	Atividade 3 – Descobrir pessoas
30	O corpo das garotas / O corpo dos garotos
30	Atividade 1 – Corpo e autocuidado
33	Atividade 2 – Corpo reprodutivo e corpo erótico
35	Atividade 3 – Se eu fosse homem / Se eu fosse mulher
37	Sexo & Cia. – As dúvidas mais comuns (e as mais estranhas) que rolam na adolescência
37	Atividade 1 – Caixa de segredos
40	Atividade 2 – Corpos, prazeres e cuidados
42	Atividade 3 – Você veste a camisa?
45	Medo de quê?
45	Atividade 1 – Sociedade alternativa
48	Atividade 2 – Convivendo com a diversidade sexual na escola
51	Atividade 3 – Diversidades e violências
54	Era uma vez uma outra Maria
54	Atividade 1 – Minha família é assim
56	Atividade 2 – Histórias que me contaram
58	Atividade 3 – E agora?

Publicações para subsidiar o trabalho dos/as educadores/as do Ensino Fundamental e Ensino Médio na HTPC

63 A adolescência

63 Atividade sugerida – O que é a adolescência?

66 Saúde e prevenção nas escolas – Guia para educadores e diretrizes para implementação do projeto

66 Atividade sugerida – Saúde e prevenção nas escolas: uma articulação entre a Educação e a Saúde

70 Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens

70 Atividade sugerida – Concordo, discordo e tenho dúvidas

73 Violência urbana

73 Atividade sugerida – Tipos de violência

77 Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz

77 Atividade sugerida – O bullying nas escolas

81 Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas

81 Atividade sugerida – A escola e a prevenção ao uso de drogas

85 Textos de apoio

85 Fenômeno bullying – Cleo Fante

90 A escola e os temas atuais – Sylvia Cavaşin

95 Bibliografia

96 Sobre o Departamento de Educação Preventiva

98 Materiais distribuídos para as escolas e oficinas pedagógicas das Diretorias de Ensino

A ESCOLA E OS DIREITOS HUMANOS

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais.
(...)

Escutar (...) significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro...

Paulo Freire

Em 10 de dezembro de 2008 comemoraram-se os 60 anos da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Proclamada na Assembléia Geral das Nações Unidas em 1948, teve 48 votos a favor e oito abstenções e surgiu como uma reação às atrocidades testemunhadas durante a Segunda Guerra Mundial (1938-1945).

Essa declaração estabelece que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos” e coloca os homens e as mulheres como centro da história, definido por sua humanidade e não mais por sua classe social.

Embora a Declaração Universal não tenha caráter de legislação, seu texto influenciou diretamente a Constituição de diversos países, incluindo a brasileira, de 1988. A partir dela, o Brasil caminhou para a aprovação de uma série de estatutos – como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por exemplo – como instrumentos legais dos conceitos pressupostos em seus artigos.

Rever a Declaração Universal dos Direitos Humanos nos dias de hoje é tão importante quanto o foi em 1948, uma vez que, segundo Ban Ki-moon, atual secretário-geral da Organização das Nações Unidas – ONU, “as liberdades fundamentais ainda não são reais para todos. (...) É a chance de assegurar que esses direitos sejam uma realidade – que sejam conhecidos, entendidos e gozados por todos, em todo lugar.”³

A educação é por si mesma um direito fundamental que deve ser garantido a toda e qualquer pessoa. É, também, um processo que deve estimular o pleno desenvolvimento

3. Folha Online. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u476742.shtml>>. Acessado em 10/12/2008.

da pessoa, de suas potencialidades, de valores e atitudes em favor de uma sociedade justa para todas as pessoas e não tão desigual como a que ainda temos.

Neste sentido, a relação entre Educação e Direitos Humanos é estreita, uma vez que, além de referendar a Constituição Federal brasileira, determina, como princípio, a defesa da dignidade humana, ao garantir a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em consonância com esses princípios, determina textualmente que

*educar para os direitos humanos é estimular uma prática educativa inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, com a finalidade do pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.*⁴

Assim, entendendo que é responsabilidade do Estado de São Paulo contribuir para a criação de uma cultura universal de defesa da dignidade humana, estimulando o respeito aos direitos e liberdades fundamentais das pessoas, o **Departamento de Educação Preventiva** da Gerência de Educação e Cidadania/Diretoria de Projetos Especiais da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE se propôs a selecionar e disponibilizar em toda a rede pública estadual de ensino um conjunto de materiais que tem como base os direitos humanos.

Com esse objetivo em mente, vários títulos fazem parte desse novo conjunto de materiais, em que se destacam:

- o livro *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens* e o DVD *Medo de quê?*, em que o tema da discriminação e o preconceito a lésbicas, gays e transgêneros (travestis e transexuais) são abordados;
- o DVD *Era uma vez uma outra Maria* e um folheto com sugestões de oficinas a serem aplicadas em sala de aula, trazendo uma situação de gravidez na adolescência do ponto de vista feminino, uma vez que o vídeo *Minha vida de João*, distribuído para todas as Diretorias Regionais de Ensino e unidades escolares em 2007, trata da mesma história, só que do ponto de vista masculino;
- o livro infantil *Menina bonita de laço de fita*, que permite um trabalho voltado

4. Unbehaum, Sandra. Educação e Direitos Humanos in Cadernos de Textos da Reunião Técnica de 2008. São Paulo: FDE, 2008.

para a autoestima de meninas negras e uma boa discussão sobre a desigualdade racial/étnica ainda presente em nosso país;

- o tema bullying, ou seja, as situações onde a diferença é tratada como razão para desigualdade por meio de xingamentos, gozações e ofensas, é o tema do livro infanto-juvenil *E se fosse com você* e do ensaio *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. O tema da violência, aliás, é reforçado na publicação *Violência urbana*;
- além desses novos temas, materiais mais atualizados sobre sexualidade, saúde reprodutiva, álcool e outras drogas também foram agregados, uma vez que continuam recorrentes nas escolas e merecem ser aprofundados e rediscutidos. *O corpo dos garotos*, *O corpo das garotas*, *Sexo & Cia.* e o *Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas* foram os títulos selecionados pela equipe do Departamento.

Complementando, elaborou-se este pequeno guia com uma síntese de cada uma das publicações e DVDs encaminhados em 2009 para as escolas e Diretorias Regionais de Ensino, sugestões de oficinas temáticas, assim como outras publicações disponíveis no mercado, filmes comerciais e educativos e páginas da internet para consulta. Ao final, dois textos de apoio também foram adicionados: *Fenômeno bullying*, da pedagoga Cleo Fante, e *A escola e os temas atuais*, da socióloga Sylvia Cavasin.

Espera-se que os/as educadores/as se apropriem desse material, criando outras atividades que estimulem o debate na escola e possibilitem a diminuição da vulnerabilidade a que estão expostos todos os integrantes da comunidade escolar, promovendo uma escola mais justa e igualitária para todos.

Bom trabalho!

**SÍNTESE, COM SUGESTÕES DE ATIVIDADES,
DAS PUBLICAÇÕES PARADIDÁTICAS PARA APOIO
AO TRABALHO DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA COM
BASE NOS DIREITOS HUMANOS**

MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Autora: Ana Maria Machado

Este livro, um dos mais premiados e traduzidos da obra de Ana Maria Machado, conta a história de uma menina negra amiga de um coelhinho branco.

Coloca em cena diversos aspectos relacionados à questão étnica/racial possibilitando, assim, um amplo debate sobre a superação do racismo e da busca por uma sociedade mais justa, democrática e fraterna.

Atividades sugeridas

Atividade 1 – Viva a diferença

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Favorecer, na vida cotidiana, a mudança de atitudes preconceituosas e discriminatórias. Estimular o respeito pelas diferenças.	Caneta, papel pautado; fita adesiva ou crepe, quadro, giz, tiras com os nomes de todas as pessoas da classe dentro de uma sacola ou caixa.	1h	3º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Solicite que os/as estudantes permaneçam sentados em suas respectivas cadeiras.
- Escreva no quadro a palavra DIFERENÇA e peça que digam qual é a primeira coisa que lhes vem à cabeça quando escutam essa palavra.
- Escreva as contribuições no quadro em volta da palavra DIFERENÇA.
- Abra para o debate, explicando que todos/as nós somos diferentes, que não existe nenhuma pessoa totalmente igual à outra, nem entre gêmeos/as.
- Explique, também, que algumas diferenças são usadas para desvalorizar outras, como, por exemplo, o fato de uma pessoa usar óculos, ter necessidades educativas especiais (surdez, cegueira, deficiência automotora, etc.) ou viver com o HIV/aids.
- Reforce que nada justifica o desrespeito ou o preconceito entre os seres humanos.
- Informe que, agora, os/as estudantes irão desenvolver uma atividade valorizando as coisas boas que todo mundo tem.

- Explique que, cada um/a, irá sortear uma tira com o nome de um/a colega da classe. Peça que leiam em silêncio e que não contem para ninguém quem foi o/a sorteado.
- Caberá a cada um/a desenhar a pessoa sorteada e escrever, ao lado do desenho, o que ela ou ele possui de mais interessante ou bonito.
- Quando terminarem, cole as obras na parede ou no mural.
- Peça que se levantem para observar as obras e que, quem quiser, fale sobre as qualidades do/a colega que desenhou ou sobre como se sentiu ao saber o que o/a colega falou dele/a.
- Após os comentários realizados, recolha as obras do mural e diga que, quem quiser, poderá presentear o/a colega com o desenho realizado.

Ideias principais⁵

- Preconceito é um juízo pré-concebido, manifestado geralmente na forma de uma atitude discriminatória perante pessoas, lugares ou tradições considerados diferentes ou “estranhos”. As formas mais comuns de preconceito são: social, racial e sexual.
- Saber respeitar as diferenças é a primeira ação para nos tornarmos pessoas melhores. Para uma melhor convivência é fundamental conseguirmos realmente enxergar o outro em todo seu potencial humano e criativo. Quando isso ocorre, propicia-se ao outro sentir-se pertencente e aceito pelo grupo.
- A pessoa, quando se percebe pertencente ao grupo, sente-se capaz para expor seus pensamentos e sentimentos e empenha-se em se desenvolver, o que pode promover a convivência harmônica entre todos, bem como o respeito mútuo.

5. <http://pt.wikipedia.org/wiki/preconceito>

Atividade 2 – Cabelos, cabelinhos e cabelões⁶

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Ampliar a percepção sobre o racismo no Brasil, desconstruindo estereótipos relacionados às raças e etnias.	Lousa, bolas, cartolinas, canetas, espelhos, aparelho de som e CD de música.	1h	3º ao 5º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie dizendo que, antes de começar a atividade, você lerá para eles o livro *Menina bonita de laço de fita*, de Ana Maria Machado, que trata do tema da diferença.
- Leia a história, interrompendo de vez em quando para perguntar se alguém já ouviu falar das terras da África e o que sabiam sobre lá; porque acham que o coelhinho branco queria ser negro e o que a história tem a ver com a população que vive no Brasil hoje.
- Uma vez lida e discutida a história, peça que se levantem, se olhem no espelho (colocado anteriormente em um ponto da sala) e que observem seu próprio cabelo.
- Solicite que, em silêncio, voltem para seus lugares e que, cada um/a, atribua um adjetivo em relação ao próprio cabelo (grosso, fino, liso, crespo, duro, macio, etc.).
- Em seguida, peça que cada um/a fale qual foi o adjetivo em que pensou e os escreva na lousa, quantificando os que mais e os que menos apareceram.
- Inicie o debate, utilizando-se das seguintes questões:
 1. Por que garotas e garotos se preocupam tanto com o cabelo?
 2. Quais os tipos de cabelo que, hoje em dia, a maior parte das pessoas quer ter?
 3. Quais os tipos de cabelo que geralmente são considerados feios ou ruins?
 4. Por que razão acreditam que alguns tipos de cabelo são mais valorizados do que outros? O que há por trás dessa preferência?
- Encerre a atividade explicando que, muitas vezes, as pessoas se referem ao cabelo dos/as afro-brasileiros/as como “cabelo ruim” e que isso é um ato de racismo. Do mesmo modo, a língua portuguesa está cheia de exemplos de desvalorização da raça negra. Por exemplo, quando falamos que “a coisa está preta” ou “denegriram a minha imagem”.

6. Adaptado do manual *Educação em sexualidade dos 10 aos 14 anos*. Ecos, 2008.

Ideias principais⁷

- O Brasil é um país com uma grande diversidade cultural e racial composta por descendentes de povos africanos e de índios brasileiros, de imigrantes europeus, asiáticos e latino-americanos. É a mistura de todas essas raças e etnias que dá a cara do povo brasileiro. Por conta disso, podemos afirmar que o Brasil é um país dotado de uma ampla “pluralidade cultural”, ou seja, diferentes culturas foram e são produzidas pelos grupos sociais que fazem parte da nossa história.
- Essa pluralidade pode ser percebida nas diferentes formas com que os habitantes deste grande país organizaram sua vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos, etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social.
- No entanto, apesar de toda essa diversidade, existe uma série de desigualdades socioeconômicas entre essas populações. Segundo dados do IBGE, a população afrodescendente tem uma renda inferior à da população branca, de descendentes de europeus e também da população asiática. Mesmo constando como crime na Constituição Federal do Brasil de 1988, a sociedade brasileira continua, em seu cotidiano, marcada por ações racistas e discriminatórias.
- Racismo⁸ é a convicção de que existe uma relação entre as características físicas hereditárias, como a cor da pele, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais que fazem com que existam populações “superiores” a outras.
- Cabe à escola reconhecer e enfrentar a situação de exclusão e insucesso escolar nas crianças e adolescentes que sofrem preconceitos e discriminações. É preciso valorizar e respeitar as diferentes raças e etnias, desenvolvendo propostas alternativas e utilizando materiais didáticos e paradidáticos que contemplem a pluralidade racial e étnica de nosso país.

7. Adaptado de: *Parâmetros curriculares nacionais/Pluralidade cultural*. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf> acessado em 11/12/2008; *Almanaque pedagógico afrobrasileiro: uma proposta de intervenção pedagógica na superação do racismo no cotidiano escolar*.

8. <http://www.coladaweb.com/sociologia/racismo.htm>

Atividade 3: Muito além das aparências

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Identificar os diferentes povos que habitam o país, favorecendo o reconhecimento de imagens que desvalorizam determinadas pessoas em relação a outras.	Revistas velhas, cola, uma folha de papel grande para cada grupo.	1h30	3° ao 5° ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Solicite que formem grupos de 4 ou 5 pessoas.
- Peça que cada grupo escolha um lugar na sala, sentando-se no chão, e faça um círculo.
- Distribua as revistas e as tesouras e peça que pesquisem nas revistas figuras que mostrem a diversidade da população brasileira. Elas deverão ser recortadas e guardadas para o próximo passo da atividade.
- Quando terminarem, devem separar de um lado as figuras pelas raças/etnias a que pertencem (negros/as, brancos/as, asiáticos/as, indígenas, etc.).
- Depois de separadas, as figuras deverão ser coladas, de acordo com a raça/etnia, na folha grande de papel.
- Uma vez coladas, o grupo deverá analisar quais diferenças existem entre um grupo e outro. Por exemplo, observar a aparência física (a cor e formato dos olhos, textura dos cabelos), a maneira como se vestem; se estão fazendo coisas iguais ou diferentes.
- Informe que terão 15 minutos para analisarem as figuras e que, depois, cada grupo irá apresentar suas conclusões para os outros.
- Depois das apresentações, aprofunde a discussão por meio das seguintes questões:
 1. Que raça/etnia foi a que apareceu mais nas colagens? Por que algumas apareceram mais do que as outras?
 2. A população indígena costuma ser retratada nas imagens? Como e quando elas aparecem?
 3. Pensando nas imagens que vemos todos os dias na televisão, o que geralmente as pessoas brancas estão fazendo? E as negras?
 4. Na opinião de vocês, existe algum tipo de discriminação nas figuras das colagens? Onde? Por quê?

- Encerre explicando que na Constituição Brasileira consta que todas as pessoas são iguais e possuem os mesmos direitos independente de sua cor, raça ou etnia, mas na prática nem sempre é isso o que acontece. Na verdade, essa perspectiva de um Brasil uniforme e sem desigualdades é a base do chamado “mito da democracia racial”, em que

as discriminações praticadas com base nas diferenças ficam ocultas sob o manto de uma igualdade que não se efetiva. O acobertamento de práticas discriminatórias, sobretudo contra negros e indígenas, empurrou para uma zona de sombra as experiências de sofrimento e exclusão de milhões de indivíduos na sociedade brasileira⁹.

Quando a sociedade, os meios de comunicação e mesmo a escola defendem a ideia de que temos uma cultura uniforme, em lugar de reconhecer, pesquisar e valorizar a enorme variedade cultural brasileira, favorecem, na verdade, a reprodução do preconceito e da discriminação.

Ideias principais¹⁰

- O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade étnico-cultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade.
- Respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, sim, respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas – Julio Groppa Aquino (Summus Editorial).

9. BRASIL / Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>

10. *Parâmetros curriculares nacionais/Pluralidade cultural*

Leia mais

Felicidade não tem cor – Júlio Emílio Braz (Editora Moderna)

Veja mais

Vista essa pele – DVD produzido pela Ceert (www.ceert.org.br)

Navegue mais

Cartilha *Cidadania para todos* – www.dhnet.org.br/w3/ceddhc/bdados/cartilha14.htm

E SE FOSSE COM VOCÊ?

Autores: Sandra Saruê e Marcelo Boffa

O tema abordado nessa história é o do bullying, ou seja, situações em que a diferença é tratada como razão para desigualdade por meio de xingamentos, gozações e ofensas. Em um colégio, onde uma determinada turma de estudantes se “diverte” provocando e aterrorizando os demais colegas, a professora descobriu uma forma divertida e eficiente de acabar com esse tipo de atitude.

Atividades sugeridas

Atividade 1: A violência à minha volta

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Discutir de forma crítica a violência que vemos em nossa vida cotidiana, inclusive aquela que ocorre na rua, em nossas casas, na escola, no trabalho e na mídia.	Caneta, papel pautado.	1h	4º ao 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Solicite aos/às participantes que escrevam, em uma folha de papel, uma lista de atos de violência ou imagens violentas que observaram à sua volta, durante a última semana.
- Sugira que pensem na escola, em sua casa, na rua, na sua região, na televisão, revistas, jogos *on line*, jornais e nos demais lugares que frequentam. Peça que escrevam algumas poucas palavras, sentimentos ou pensamentos que tenham sobre a violência.
- Divida os participantes em grupos de 4 ou 5 pessoas. Peça que apresentem o que escreveram uns aos outros e discutam os pontos levantados. Cada grupo deve eleger alguém para relatar as conclusões do grupo.
- Quando terminarem, peça que voltem para o grupo maior a fim de que os/as relatores/as façam a apresentação das conclusões.
- Aprofunde a discussão a partir das seguintes questões:

1. Quais são os tipos de violência mais comuns que vemos em nosso cotidiano?
2. Quais as imagens de violência que mais vemos nos jornais e na televisão? Por que esses meios de comunicação apresentam tantas imagens de violência?
3. Quais são os locais em que mais vemos ou observamos cenas de violência?
4. As pessoas violentas geralmente são homens ou mulheres? Jovens ou adultos? E as vítimas?
5. Quais são os nossos sentimentos ao observar esta violência?
6. O que cada um de nós pode fazer para diminuir a violência?

Ideias principais

- Existem vários conceitos sobre o que é a violência. Pode ser definida como um comportamento que causa dano a outra pessoa, ser vivo ou objeto. Nega-se autonomia, integridade física ou psicológica e mesmo a vida de outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado.
- Algumas formas de violência, especialmente a violência física, a agressão propriamente dita, podem causar danos materiais ou fisiológicos.
- A violência psicológica consiste em um comportamento (não-físico) específico por parte do agressor. Seja este agressor um indivíduo ou um grupo específico num dado momento ou situação. Muitas vezes, o tratamento desumano, tal como a rejeição, depreciação, indiferença, discriminação, desrespeito, punições (exageradas) pode ser considerado um grave tipo de violência. Esta modalidade muitas vezes não deixa (inicialmente) marcas visíveis no indivíduo, mas podem levar a graves estados psicológicos e emocionais. Muitos destes estados podem se tornar irreversíveis em um indivíduo, de qualquer idade, antes saudável.
- Quando cada um puder conscientizar-se de que pequenos gestos violentos vão se ampliando e isso incentiva atitudes de reciprocidade, gerando momentos de conflito cada vez mais intensos, podem-se rever suas atitudes, colocando-se no lugar do outro ou mesmo revendo alternativas para solucionar problemas.

Atividade 2: Posso fazer diferente

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Conhecer o conceito de bullying, identificando essas situações no próprio contexto escolar.	Caneta, papel, livro <i>E se fosse com você?</i>	2h	4º ao 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Solicite que os/as estudantes sentem-se no chão formando um círculo.
- Inicialmente, pergunte sobre que tipos de violência eles/as conhecem.
- Explique que nessa atividade serão abordadas algumas atitudes verbais consideradas violentas. Pergunte se alguém quer contar uma situação de violência (pode usar nomes fictícios) que presenciou na escola e que não envolveu contato físico.
- Explique que existe um tipo de violência muito comum na escola (cometida não só por alunos/as, como também por professores/as ou funcionários/as) chamada **bullying** e que, provavelmente, todo mundo já presenciou, mas não sabia o que era e nem achava que fosse violência. Conceitue o termo bullying como “um termo da língua inglesa utilizado para descrever atos de violência psicológica, intencionais e repetidos, praticados por uma pessoa ou um grupo com o objetivo de intimidar ou agredir alguém incapaz de se defender”¹¹.
- Informe que, para ilustrar, você irá ler um livrinho que trata desse tema chamado *E se fosse com você?*
- Conforme for lendo, faça algumas pausas para perguntar, por exemplo:
 1. O que você faria se estivesse no lugar do protagonista da história, sendo xingado e zoadado pelo Animal porque usa óculos?
 2. O que fariam se estivessem no lugar da Eli sendo zoada pela Barbie porque é gordinha?
 3. O que vocês acharam da ideia da professora?
 4. Situações como essa existem na escola?
- Depois da discussão, peça que voltem para suas cadeiras e que escrevam uma carta para um/a colega fictício/a que passou por problemas semelhantes aos que foram relatados no livro.
- Quando terminarem, pergunte quem gostaria de ler sua carta.
- Encerre, solicitando que todos/as dêem sugestões sobre o que poderia ser feito na

11. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>

escola para que as situações de bullying, no mínimo, diminuíssem.

- Anote as sugestões em uma folha de papel bem grande e, na medida do possível, deixe-a fixada na parede, como um pacto de boa convivência, para ser discutida toda vez que uma situação de violência verbal, ameaça ou gozação acontecer.

Ideias principais¹²

- Existem, ainda, algumas violências que acontecem todos os dias e em todos os espaços, mas que, muitas vezes, não são reconhecidas como tal. Uma delas é o bullying, uma palavra da língua inglesa que significa “amedrontamento”.
- Nas escolas, é comum a ocorrência de situações onde um/a aluno/a é xingado/a, gozado/a e ameaçado/a repetitivamente por apresentar algumas diferenças em relação ao grupo no qual está inserido/a.
- Entre os exemplos de bullying está a humilhação, como a colocação de apelidos pejorativos, e a grafitação com expressões depreciativas, atos de discriminação racial ou da origem social dos alunos. E há ainda o **cyberbullying**, que é a inserção de mensagens ofensivas ou ameaças em comunidades de relacionamento virtual, como blogs e Orkut.
- Uma criança ou adolescente vítima de bullying costuma apresentar baixa autoestima, dificuldade de relacionamento social e no desenvolvimento escolar, fobia escolar, tristeza e depressão. Já os autores podem se considerar realizados e reconhecidos pelos seus colegas pelos atos de violência e poderão levar para a vida adulta o comportamento agressivo e violento. As testemunhas silenciosas também sofrem, pela sua omissão e falta de coleguismo.
- Em se detectando uma situação de bullying, a escola deve agir imediatamente convocando, por exemplo, professores/as, funcionários/as, alunos/as, pais e mães para uma boa conversa.
- Aos/Às professores/as caberia promover ações positivas de respeito e valorização das diferenças, promoção da cultura da paz e dos princípios universais do respeito à igualdade e à dignidade humana.
- À Direção da escola e à Diretoria Regional de Ensino caberia estabelecer parcerias com os serviços de assistência médica, social, psicológica e jurídica para o atendimento tanto às vítimas quanto aos/às agressores/as, bem como alertá-los sobre as consequências legais que o bullying pode causar.

11. Informações extraídas de www.observatoriodainfancia.com.br/ e http://diganaoobullying.com.br/secao_projeto/aderir/escolas.htm

Atividade 3: Descobrir pessoas

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Fortalecer o sentimento de pertencimento dos/as estudantes por meio de um projeto inclusivo.	Um objeto para cada participante. Ex: caneta, borracha, pedra, apontador, etc.	1h	4º ao 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Peça que se levantem e que façam um círculo.
- Solicite que todos/as dêem as mãos e ensine a música *Escravos de Jó*:
Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, põe, deixa ficar
Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue e zá
Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue e zá
- Em seguida, distribua os objetos e peça que permaneçam em círculo mas que, agora, se sentem no chão.
- Explique a coreografia: ao cantar a música, cada participante vai passando o objeto que recebeu para o seguinte da roda, acompanhando a letra e fazendo os movimentos definidos pela brincadeira. Enfatize que, nos últimos versos têm que fazer um vai-e-volta.
- Informe que, antes de começar a brincadeira de fato, vai se ensaiar algumas vezes para ver se todo mundo entendeu.
- Quando todos aprenderem, solicite que acelerem o ritmo e avise que quem errar sairá da roda.
- Continue a brincadeira até que restem somente 3 ou 4 pessoas.
- Peça que, novamente, todos/as se sentem no círculo e abra para o debate a partir das seguintes questões:
 1. O que vocês acharam dessa atividade?
 2. Como vocês se sentiram sendo excluídos dela?
 3. Para quem permaneceu até o fim, como foi para vocês permanecer no jogo até o final?
 4. O que esse jogo tem a ver com a realidade? Por quê?
- Encerre comentando que, muitas vezes, a partir do nosso ritmo, exigimos/gostaríamos que o outro fosse exatamente igual a nós, ou colocamos a culpa no outro

por nossas próprias dificuldades. Tal atitude, muitas vezes, desrespeita e deprecia a outra pessoa fazendo com que ela se sinta excluída. Quando favorecemos a inclusão, aceitando como cada um/a é, criamos espaço para uma convivência mais saudável e um relacionamento mais agradável e prazeroso.

Ideias principais

- A escola que tem como proposta incluir os/as alunos/as a partir do estabelecimento de uma postura em que as diferenças são respeitadas não só previne situações de violência como torna o ambiente escolar mais acolhedor e solidário.
- Independente de crença, de raça, de sexo, de situação socioeconômica, de cultura e até mesmo de idade, todo ser humano é sujeito de direitos e merece ser respeitado.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

A sociedade da insegurança e a violência na escola – Flavia Schilling – Editora Moderna.

Os direitos humanos na sala de aula – Julio Groppa Aquino e Ulisses Ferreira Araújo – Editora Moderna.

CD-ROM *Trabalhando com homens jovens* – Caderno Da violência para a convivência – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Artigo 2º – Ecos

Leia mais

Garota fora do jogo – Rachel Simmons (Editora Rocco)

Navegue mais

Andi – Agência de Notícias dos Direitos da Infância

É uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos, cuja missão é contribuir para a construção, nos meios de comunicação, de uma cultura que priorize a promoção e defesa dos direitos da criança e do adolescente.

www.andi.org.br

O CORPO DAS GAROTAS / O CORPO DOS GAROTOS

Autor: Jairo Bouer

São duas publicações – uma para garotas e outra para garotos – nas quais o autor, de forma clara, simples e objetiva, esclarece as principais dúvidas que uma garota e um garoto têm na adolescência, como a anatomia dos órgãos femininos e masculinos internos e externos, as mudanças e o desenvolvimento rápido do corpo. Traz também dicas como, por exemplo, formas de tratar de cravos e espinhas, diminuir os efeitos da TPM (para as meninas) e enfatiza que o/a ginecologista e o/a urologista são aliados importantes nessa época da vida.

Atividades sugeridas

Atividade 1: Corpo e autocuidado¹³

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Promover atitudes mais saudáveis e protegidas por meio da construção da compreensão do conceito de autocuidado e cuidado com o outro.	Papel ofício, lápis	1h30	6º ao 8º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Distribua uma folha de papel e uma caneta para cada participante. Diga para escreverem em sua folha a palavra CUIDADO. Peça, então, que anotem todas as lembranças que vêm à cabeça sobre o ato de cuidar e ser cuidado.
- Após cinco minutos, aproximadamente, cada um deve ler suas anotações. Escreva no quadro a lista de todas as palavras e frases que surgirem.
- Em seguida, junto com os participantes, procure identificar as associações mais frequentes que foram feitas. Por exemplo: cuidados com as crianças, cuidados realizados pelas mães, etc.

13. Adaptado do manual *Paternidade e cuidado*, Instituto Papai, série Trabalhando com homens jovens, 2002.

- Quando esgotarem as associações, solicite que os participantes se dividam em quatro grupos e explique que, agora, irão refletir sobre os cuidados que as pessoas costumam ter em relação ao próprio corpo sexual e reprodutivo.
- Dê um número para cada grupo e explique que terão 15 minutos para responder às seguintes questões:
 - Grupo 1 – O que é cuidado?
 - Grupo 2 – Os homens se cuidam? Como e quando?
 - Grupo 3 – As mulheres se cuidam? Como e quando?
 - Grupo 4 – Quem cuida dos/as filhos/as?
- Cada grupo deverá apresentar sua resposta e, na sequência, aprofundar a discussão por meio das seguintes perguntas:
 1. O que é um corpo? O que faz parte dele?
 2. E as emoções? Quais são elas?
 3. Elas fazem parte do corpo ou são separadas?
 4. O que os corpos masculinos e femininos têm de igual? O que eles têm de diferente?
 5. Como a sociedade vê, descreve, representa o corpo feminino e masculino nos dias de hoje? O que vocês acham?
 6. Os garotos cuidam do próprio corpo? Como?
 7. As garotas cuidam do próprio corpo? Como?

Ideias principais

- Quando somos pequenos, nossas mães, pais e outros adultos se encarregam de cuidar de nossa alimentação e higiene, mas, à medida que crescemos, adquirimos a capacidade do autocuidado, ou seja, de cuidarmos de nós mesmos/as. Para isso é preciso, inicialmente, apreciar e observar o próprio corpo conhecê-lo bem e compreender nossas emoções e sentimentos.
- Ter um conhecimento restrito do próprio corpo pode trazer consequências para a saúde como, por exemplo, não saber como se prevenir de uma DST/aids.
- Garotos, rapazes e homens adultos também devem participar das decisões reprodutivas (sobre como e quando ter filhos) e discutir como se processa a produção de espermatozoides e suas implicações na reprodução.
- Apesar de os cuidados com o corpo reprodutivo serem considerados, em muitas culturas, como uma preocupação feminina, esta também deve ser uma preocupação do homem. Ter cuidado com a saúde é um fator de proteção para a qualidade de sua saúde no presente e no futuro.

- O corpo reprodutivo e o prazer estão vinculados. Falar dos sistemas reprodutores significa falar também das maneiras de sentir e de lidar com o corpo, além das manifestações de sexualidade nele expressas.
- A saúde e o bem-estar não dependem somente do que as pessoas fazem com elas mesmas. Dependem, também, dos relacionamentos que se tem com as outras pessoas e com o mundo ao redor (casa, bairro, cidade, país, planeta).

Oficina 2 – Corpo reprodutivo e corpo erótico

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Conhecer o corpo reprodutivo – feminino e masculino – de forma participativa e de modo a perceber que do corpo também fazem parte as características psicológicas, a história pessoal e as relações que se estabelecem com as pessoas, seu meio social e sua cultura.	Papel pardo ou manilha, canetas hidrográficas de várias cores, fita adesiva, barbante, cola, revistas, purpurina, etc.	1h30	7º e 8º anos do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Divida os/as participantes em quatro grupos e informe que a proposta é a de que dois grupos desenhem o corpo de um homem e os outros dois, o corpo de uma mulher.
- Solicite que dois garotos e duas garotas deem nas folhas de papel pardo e que os demais componentes do grupo desenhem, primeiramente, o contorno do corpo e que depois o/a voluntário/a se levante e todos/as desenhem as partes do corpo que se lembram (interno e externo) e que não se esqueçam de desenhar o corpo reprodutivo feminino e masculino.
- Peça que pensem em uma identidade para os personagens desenhados, colocando tudo que acharem necessário: características, adereços, nome, profissão, idade, gostos, etc.
- Quando terminarem, peça que cada grupo apresente o seu desenho, explicando quem é o personagem e as partes de seu corpo.
- Quando todos tiverem apresentado seus desenhos, corrija ou acrescente as partes do corpo reprodutivo feminino e masculino que não foram contempladas.
- Abra para o debate utilizando-se das seguintes questões:
 1. O que foi mais difícil de desenhar? O que foi mais fácil?
 2. Quantos dias por mês a mulher está fértil? E o homem?
 3. Se a garota está fértil alguns dias por mês e os garotos todos os dias, por que a maioria das pessoas acha que contracepção é uma preocupação que só as mulheres devem ter?
 4. Qual é a importância do afeto em uma relação sexual?
- Apresente-lhes as publicações *Corpo dos garotos* e *Corpo das garotas* (página 80) e leia os seguintes trechos:

Não existe idade certa para ir pela primeira vez ao ginecologista, mas o ideal é quando começar a notar as mudanças do seu corpo. Assim, o médico vai poder explicar melhor o que está por vir e tirar todas as suas dúvidas. Ser virgem não é impedimento para visitar o/a ginecologista – ele/ela vai fazer adaptações no exame para não machucar o seu hímen. Agora, se você está sentindo que está prestes a ter a sua primeira relação sexual, não tem desculpa! Pode ir marcando uma consulta já! O ginecologista é a pessoa mais indicada neste momento para dar orientações sobre métodos anticoncepcionais e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

(...) muitos garotos morrem de vergonha (e de medo) de visitar este médico [urologista]. Bobagem! A rapaziada acha que o exame pode doer e fica apreensiva ao se despir na frente do médico. Para começar: o exame não dói e é o modo mais seguro de saber se anda tudo bem com a saúde dos seus órgãos sexuais. (...) Procurar um médico não interfere em nada na masculinidade do garoto. Se estiver com um problema no pênis, não há o menor problema. (...) Tomar remédios sem orientação é que é uma grande roubada – você pode agravar a doença, além de estar sujeito a efeitos colaterais indesejados e desagradáveis.

- Finalize informando, a quem quiser saber mais sobre o desenvolvimento do seu corpo, que esta publicação encontra-se à disposição para consulta na biblioteca. Cabe destacar para os meninos que o exame de toque retal destina-se a homens mais velhos, para prevenção de outras patologias. O importante é enfatizar que ninguém melhor que o médico urologista para esclarecer suas dúvidas e constatar que eles se enquadram nos padrões de absoluta normalidade.

Ideias principais

- Quando falamos em corpo não estamos somente falando em físico, mas também no jeito de ser de cada pessoa, seus afetos, sua cultura, expectativas, crenças e mitos.
- Além do conhecimento dos órgãos reprodutores femininos e masculinos, os/as estudantes precisam conhecer as consequências e responsabilidades de uma relação sexual.
- Durante séculos, nossa cultura atribuiu à mulher a responsabilidade de cuidar da contracepção, mas que, nos dias de hoje, esta responsabilidade deve ser compartilhada.
- Por conta das doenças sexualmente transmissíveis e do HIV/aids, a camisinha é o melhor método contraceptivo, pois além de prevenir as doenças também evita uma gravidez na adolescência.

Atividade 3: Se eu fosse homem / Se eu fosse mulher

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Discutir os papéis de gênero (masculino/ feminino), identificando os estereótipos existentes em nossa sociedade.	Tiras de papel com a inscrição: <i>Se eu fosse homem...</i> Tiras de papel com a inscrição: <i>Se eu fosse mulher...</i>	1h	5º ao 8º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Peça que os garotos se levantem, trazendo a caneta, e que se dirijam ao lado esquerdo da sala.
- Peça que as garotas se levantem, trazendo a caneta, e que se dirijam para o lado direito da sala.
- Distribua a frase *Se eu fosse mulher eu...* para cada participante do sexo masculino e a frase *Se eu fosse homem eu...* para as mulheres.
- Peça que, em silêncio, cada pessoa preencha a frase com o que realmente faria caso fosse do outro sexo.
- Peça que façam duas filas, de um lado os garotos e do outro as garotas e que fiquem um de frente para o outro.
- Explique que, de dois em dois (um garoto e uma garota), cada um fale o que escreveu. Registre as respostas no quadro.
- Peça que a fila continue a andar até terminarem.
- Leia as frases referentes ao *Se eu fosse mulher* (elaboradas pelos garotos) e pergunte o que é possível perceber pelas respostas que foram dadas.
- Em seguida, faça o mesmo com as respostas das garotas sobre o que fariam se fossem homens.
- Em plenária, aprofunde a discussão a partir das seguintes questões:
 1. O que é ser homem?
 2. O que é ser mulher?
 3. Quais as diferenças entre ser homem e ser mulher?
 4. Quais dessas diferenças são biológicas? Quais são construídas socialmente?
 5. Quais as situações em que estas diferenças se tornam desigualdades?
 6. Como a escola poderia contribuir para modificar esta situação?

Ideias principais

- Quando falamos em **sexo**, nos referimos às características físicas e biológicas de cada um, às diferenças entre o corpo do homem e da mulher, do menino e da menina.
- Mas, quando falamos em **gênero**, nos referimos às diferenças entre o masculino e o feminino que foram construídas no decorrer da história da humanidade por meio dos costumes, ideias, atitudes, crenças e regras criadas pela sociedade.
- Existem alguns rótulos ou estereótipos em relação ao que é ser homem ou ser mulher como, por exemplo: garotas são mais fracas, mais dependentes, mais sensíveis, menos agressivas e os garotos são mais fortes, mais independentes, mais práticos, mais agressivos.
- Esses estereótipos trazem consigo algumas justificativas para a desigualdade como, por exemplo, as diferentes atividades consideradas masculinas e as consideradas femininas. As dos homens, mais focadas no espaço público, e as das mulheres, no espaço privado, ou seja, do lar.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Sexualidade: a difícil arte do encontro – Lídia Aratangy (Editora Ática)

Cabelinhos em lugares engraçados – Babette Cole (Editora Ática)

Sexo é sexo – Rosely Sayão (Editora Companhia das Letras)

Diário de um adolescente (vídeo) – Scott Kalvert – Vídeo Astros.

Leia mais

A história da V – Abrindo a caixa de Pandora – Catherine Blackledge (Degustar)

O livro do pênis – Maggie Paley (Conrad Livros)

Navegue mais

Jairo Boeur

Médico formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o médico psiquiatra colabora semanalmente respondendo cartas dos/as leitores adolescentes e jovens do Jornal Folha de São Paulo. Em sua página da internet, existem várias seções como: tira-dúvidas, atualidades, dicas de filmes e leituras, etc.

<http://doutorjairo.uol.com.br/>

SEXO & CIA. – AS DÚVIDAS MAIS COMUNS (E AS MAIS ESTRANHAS) QUE ROLAM NA ADOLESCÊNCIA

Autor: Jairo Bouer

Nesse guia, os/as adolescentes encontrarão, na forma de perguntas e respostas, explicações para as dúvidas mais frequentes sobre mudanças do corpo na adolescência; relacionamentos afetivos; sexualidade, DST/aids, gravidez e métodos contraceptivos; uso de álcool e outras drogas. Além das respostas às suas dúvidas, a publicação possibilita a desconstrução de alguns tabus e preconceitos que cercam a sexualidade.

Atividades sugeridas

Atividade 1: Caixa de segredos

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Propiciar que os adolescentes tirem suas dúvidas referentes à sexualidade.	Caixa fechada com uma abertura no meio, tiras de papel, caneta, lousa e giz.	1h30	7° e 8° anos do Ensino Fundamental e 1° ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Inicie a atividade estabelecendo com os/as estudantes uma regra: *o tema que será tratado nessa atividade diz respeito à sexualidade e apesar de falarmos e escutarmos muitas coisas sobre isso o dia todo, esse tema ainda constrange muita gente, por isso, é necessário que as pessoas sejam cuidadosas e que usem palavras que não ofendam as demais.*
- Divida o quadro ao meio e inicie a atividade perguntando à classe o que vem a ser SEXO.
- Conforme forem falando, escreva as palavras no quadro do lado esquerdo.
- Em seguida, pergunte o que vem a ser SEXUALIDADE. Escreva as respostas do lado direito do quadro.
- Esclareça que quando falamos em sexo, nos referimos às *características físicas e biológicas de cada um, às diferenças entre um corpo de homem e de mulher, de menino e de menina.*

- Explique que: *sexualidade diz respeito não só a parte biológica, social, cultural e histórica das pessoas, ou seja, além da carga genética que recebemos de nossos familiares, é preciso considerar a forma como nossa cultura constrói a nossa história de vida. A sexualidade não é algo com que se nasce. É algo aprendido, construído e está presente em todas as etapas da vida.*
- Distribua tiras de papel para cada estudante e peça que escrevam uma dúvida que tenham referente à sexualidade.
- Reforce que não é necessário se identificar e, por isso, peça para escreverem em letra de forma.
- Passe uma caixa para que cada um/a coloque sua dúvida.
- Em seguida, chacoalhe a caixa para embaralhar as perguntas e peça que um/a voluntário/a retire uma dúvida e leia para você. Procure tirar as respostas do próprio grupo; desconstruir mitos e crenças e complementar, caso seja necessário.
- Continue o processo até terminar as perguntas e, caso não tenha mais tempo, programe outro encontro para continuar.
- Aprofunde a partir das seguintes questões:
 1. Qual é a importância de se falar sobre sexualidade na escola?
 2. Quando se diz que a sexualidade é uma construção histórica, o que isso quer dizer?
 3. A sexualidade dos meninos é igual à das meninas? O que é igual? O que é diferente?

Ideias principais

- Falar sobre **sexualidade** é falar de nossa história, nossas emoções, nossas relações com as outras pessoas, nossos costumes e nossos desejos. É uma forma de expressão, comunicação e afeto que se manifesta a todo o momento, seja por meio de um gesto, de um olhar ou de uma ação. É a energia que nos motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade e que se constrói passo a passo a partir do momento em que nascemos.
- Quando falamos em **sexo** nos referimos às características físicas e biológicas de cada um, às diferenças entre um corpo de homem e de mulher, de menino e de menina.
- **Gênero**, por sua vez, refere-se às diferenças entre os homens e as mulheres que foram construídas ao longo da história da humanidade por meio dos costumes, ideias, atitudes, crenças e regras criadas pela sociedade.
- Assim, muito do que acreditamos ser “coisa de homem” ou “coisa de mulher”

é aprendido por meio da família, da escola e nos relacionamentos que temos no decorrer da vida. Um exemplo disso seria que os homens não conseguem se controlar quando sentem desejo por uma mulher. Outro, que as mulheres necessitam menos de sexo que o homem.

- O grande desafio do trabalho com sexualidade é sensibilizar os/as jovens sobre as construções socioculturais existentes na construção da sexualidade de cada um dos gêneros, contribuindo para ultrapassar as limitações impostas a cada um dos sexos. Que um seja capaz de ajudar o outro a se libertar das amarras culturais, de modo que todos possam viver com mais igualdade e solidariedade.

Atividade 2 – Corpos, prazeres e cuidados

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Debater e esclarecer, de forma lúdica, questões diversas ligadas à temática da sexualidade e prazer.	Cartões com temas, cópia dos textos da publicação <i>Sexo & Cia.</i> , de Jairo Bouer, selecionados.	4h (divididas entre atividades dentro e fora da sala de aula)	7º e 8º anos do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Peça que os/as estudantes se subdividam em quatro grupos.
- Cada grupo receberá um cartão com um tema referente à sexualidade e a cópia de um texto do livro *Sexo & Cia.* (Jairo Bouer) que os ajudará a elaborar a apresentação para o próximo encontro.
- Distribua os cartões¹⁴ com os seguintes temas:
 1. Masturbação (páginas: 123 a 133)
 2. Primeira vez (páginas: 134 a 198)
 3. DST e aids (páginas: 186 a 198)
 4. Uso de álcool e outras drogas (páginas: 244 a 258)
- Solicite que eles iniciem a leitura do texto de apoio e que preparem uma apresentação bem criativa sobre o que aprenderam para o próximo encontro.
- Informe que cada grupo terá 10 minutos para fazer sua apresentação.
- Uma vez realizadas as apresentações, abra para o debate a partir das seguintes questões:
 1. Quem é responsável por pensar em contracepção? O homem ou a mulher? Por quê?
 2. O que um casal tem que combinar antes de ter relações sexuais com seu/sua parceiro/a?
 3. Quando um garoto está preparado para iniciar sua vida sexual? E uma garota?

Ideias principais

- Muitos especialistas afirmam que, para poder se sentir bem com outras pessoas, é muito importante que a pessoa também goste de si mesmo e se valorize. Isto se chama autoestima.

14. Estes temas são sugestões. Lendo o livro, o/a educador/a encontrará outros que poderão vir mais ao encontro das necessidades dos/as alunos/as.

- A primeira relação sexual deve acontecer no momento em que tanto o garoto quanto a garota se sintam seguros, preparados e desejando iniciar sua vida sexual, sem que haja pressão de ninguém, tampouco do grupo de amigos/as.
- A partir da primeira menstruação da garota e da primeira ejaculação do garoto, eles já podem ter filhos. Existem alguns casos em que a garota engravida mesmo sem ter uma relação sexual. Por exemplo, se o garoto ejacular nas suas coxas perto da entrada da vagina.
- Antes de ter uma relação sexual é preciso que o casal converse sobre contracepção e uso da camisinha. Tanto o garoto quanto a garota são responsáveis pela contracepção e pela prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e do HIV/aids.

Atividade 3: Você veste a camisa?

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Aprender a utilizar corretamente o preservativo.	Camisinhas masculinas, camisinhas femininas, papel ofício, lápis, um copo, papel metro com instruções para o uso da camisinha masculina e da feminina.	1h30	7º e 8º anos do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Reúna os/as participantes em uma sala com carteiras.
- Distribua para cada participante do grupo uma folha de papel sulfite e um lápis
- Peça que metade da classe escreva instruções detalhadas para o uso da camisinha masculina. A outra metade deverá escrever instruções detalhadas sobre o uso da camisinha feminina.
- Informe que essas instruções são para adolescentes que nunca usaram os preservativos e que, portanto, as instruções devem ser bem explicadas para não haver erro.
- Recolha as instruções, dobre-as e coloque-as em duas sacolas diferentes: uma com as da camisinha masculina e outra da camisinha feminina.
- Peça que duas pessoas se voluntariem para ajudar na demonstração de como se usam as camisinhas.
- Peça ao/à primeiro/a voluntário/a que sorteie uma das instruções referente à camisinha masculina e que o segundo cruze as mãos levantando os dedos indicadores e médios.
- Leia as informações pausadamente enquanto um/a voluntário/o executa literalmente o que está escutando, utilizando os dedos da mão do outro.
- Em seguida, peça que outras duas pessoas se voluntariem e sorteiem uma das instruções relativas à camisinha feminina.
- Leia as informações pausadamente, enquanto um/a voluntário/a executa literalmente o que está escutando e o/a outro/a segura o copo simulando ser uma vagina.
- Quando terminar as apresentações, pergunte aos/às estudantes se as instruções foram boas e se um/a adolescente conseguiria colocar as camisinhas a partir delas.
- Se necessário, refaça o passo a passo para colocar cada uma das camisinhas.
- Abra para o debate utilizando as seguintes questões:
 1. Por que, mesmo sabendo que a camisinha masculina protege os dois da infecção pelo HIV e outras DST e de uma possível gravidez, muitos adolescentes e jovens se recusam a usá-la?

2. Por que uma garota, muitas vezes, afirma que não pediu para o parceiro usar camisinha de medo do que ele poderia pensar sobre ela?
3. Por que a camisinha feminina ainda é pouco usada? Como poderíamos fazer para estimular o seu uso?

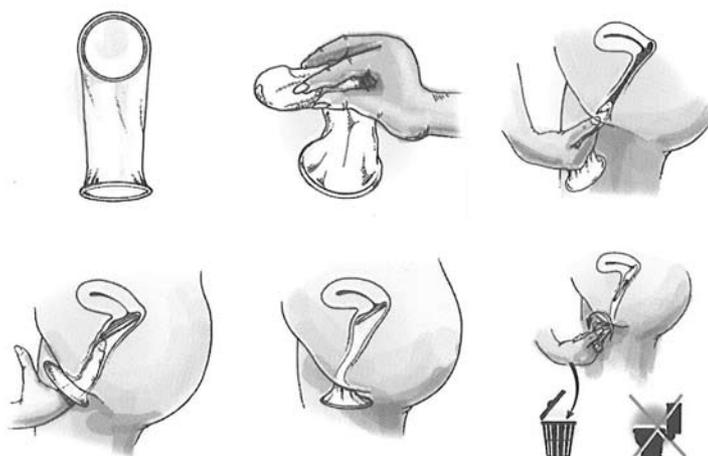
Ideias principais

- Negociar é procurar uma solução que atenda as próprias necessidades sem deixar de considerar as do outro.
- Em nossa cultura, geralmente, os homens têm mais oportunidade de aprenderem a negociar, pois, desde pequenos, nas brincadeiras de infância, trocam bolinhas de gude ou figurinhas. As meninas, mais voltadas para bonecas e panelinhas, são mais treinadas para a organização do lar e o cuidado com as crianças.
- Nos dias de hoje, existe pelo menos uma situação que é inegociável: a de ter uma relação sexual sem o uso da camisinha, pois a camisinha (masculina ou feminina) é a única forma de prevenir a aids e as outras doenças sexualmente transmissíveis e é também um ótimo método contraceptivo.
- No entanto, ainda existem alguns fatores culturais que dificultam o uso do preservativo como, por exemplo, achar que uma menina que pede para o namorado usar preservativo é porque teve muitos parceiros sexuais, ou, ainda, alguns rapazes que não utilizam o preservativo porque temem que a garota ache que ele é gay ou usuário de drogas.
- O uso do preservativo é a medida mais segura de autocuidado e respeito ao parceiro/a.

Como usar a camisinha masculina



Como usar a camisinha feminina



Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Fala garota! Fala garoto! – PE-DST/aids – Secretaria Estadual da Saúde – SP.

Veja mais

Minha vida de João – Instituto Promundo/Ecos/Instituto Papai/Salud y Género

Navegue mais

Reprolatina – Soluções inovadoras em saúde sexual e reprodutiva

Página na internet com informações corretas e atualizadas sobre DST/HIV-aids e anticoncepção.

www.adolescencia.org.br

MEDO DE QUÊ? – DVD E MANUAL

Autores: Instituto Promundo, Ecos, Instituto Papai e Salud y Género

Este desenho animado (sem falas) é um convite para refletir sobre a necessidade de se buscar uma sociedade mais plural e solidária. Tem por objetivo estimular reflexões críticas que contribuam para o respeito à diversidade sexual e para a redução da homofobia.

Atividades sugeridas

Atividade 1: Sociedade alternativa

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Reconhecer e identificar preconceitos; perceber a influência dos preconceitos sobre as decisões.	Papel, canetas, folha com as características das pessoas da comunidade para os subgrupos, uma folha de <i>flip chart</i> para cada subgrupo, canetões.	2h	1º a 3º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Divida os participantes em subgrupos de 4 ou 5 pessoas.
- Informe que cada subgrupo, agora, é um grupo de líderes de uma comunidade que está se formando e que devem decidir quais as regras necessárias para garantir uma boa convivência entre todas as pessoas que viverão no mesmo local.
- Explique que, além deles/as, a comunidade é composta por mais 10 pessoas com as seguintes características:
 1. Um adolescente de 14 anos usuário de maconha.
 2. Uma garota de 13 anos com dificuldades de aprendizagem.
 3. Um homem de 40 anos bissexual.
 4. Uma mulher de 35 anos lésbica.
 5. Um casal de idosos heterossexual.
 6. Um religioso de 53 anos, que fez voto de castidade.
 7. Uma menina negra de 6 anos que foi adotada por um casal de homossexuais.
 8. Uma mulher de 50 anos virgem, com dificuldades auditivas.
 9. Um ex-deputado federal de 56 anos.

10. A companheira do deputado de 45 anos, que está lá contra sua vontade e que apanha do marido.

- Informe que eles/as terão 30 minutos para construir as regras e que elas deverão ser escritas, uma a uma, na folha grande.
- Quando todos os subgrupos terminarem, solicite que cada um deles apresente as regras.
- Depois que cada grupo apresentar suas regras, abra para o debate a partir das seguintes questões:
 1. Como foi para vocês construírem essas regras? Fácil? Difícil?
 2. Quais os critérios que vocês utilizaram para criar essas regras? São parecidas ou diferentes com as de sua própria comunidade/município?
 3. Quem vocês excluiriam dessa comunidade? Por quê?
- Debatidas as questões, convide o grupo a criar novas regras a partir do que conversaram no debate, mas que tenham como princípio o respeito às diferenças e aos direitos humanos (indicados abaixo, nas ideias principais)

Ideias principais¹⁵

- Em 1948 foi criada a Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelecendo, em seu artigo 1º, que: *Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.*
- Os Direitos Sexuais e os Direitos Reprodutivos, que fazem parte dos Direitos Humanos, estabelecem que *todas as pessoas têm o direito de escolher o(a) parceiro(a) sexual sem discriminações e com liberdade e autonomia para expressar sua orientação sexual se assim desejar.*
- **A Constituição Federal de 1988** diz, em seu Art. 5.º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” No parágrafo XLII estabelece que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei”.
- No Estado de São Paulo, a **Lei n.º 10.948**, de 5/11/2001, em seu artigo 1º, diz o seguinte: “Será punida toda manifestação atentatória ou discriminatória contra

15. www.dhnet.org.br/, acessado em 12/11/2008

cidadão homossexual, bissexual ou transgênero (travesti ou transexual)”. Mesmo no caso de uma “brincadeira ou gozação”, a pessoa que discriminou a outra por conta da orientação sexual dela pode ser processada.

- A **Lei 11.340/2006**, mais conhecida como **Lei Maria da Penha**, alterou o Código Penal brasileiro e possibilitou que agressores de mulheres no âmbito doméstico ou familiar sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada. Estes agressores também não poderão mais ser punidos com penas alternativas. A legislação também aumenta o tempo máximo de detenção previsto de um para três anos e ainda prevê medidas que vão desde a saída do agressor do domicílio e a proibição de sua aproximação da mulher agredida e filhos.

Atividade 2: Convivendo com a diversidade sexual na escola¹⁶

Objetivos	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Refletir sobre a diversidade de valores, crenças e manifestações da sexualidade em nossa sociedade. Reconhecer e respeitar as diferentes formas de orientação sexual e afetiva bem como o direito a expressá-las.	Cópia das situações, desenhos ou figuras de: duas garotas de mãos dadas, dois garotos de mãos dadas, um garoto e uma garota se beijando no rosto, dois homens se abraçando depois que um deles faz um gol, duas garotas se beijando na boca.	2h	1º ao 3º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Em plenária, apresente uma figura por vez aos alunos e alunas, perguntando quais as sensações que a figura desperta.
- Escreva todas as sensações citadas no quadro.
- Leia-as e pergunte o que se pode concluir a partir dessas respostas. Explique que, em nossa sociedade, tudo o que foge a certo padrão de masculinidade e de feminilidade é, muitas vezes, visto com estranhamento. É desse estranhamento que surgem os preconceitos e, conseqüentemente, a discriminação.
- Peça que os/as alunos/as se dividam em três grupos e informe que irá distribuir três situações (ver no final) que poderiam ter ocorrido em qualquer escola. Elas e eles deverão ler a situação e responder à pergunta: O que nós podemos fazer?
- Informe que terão 20 minutos para discutir a situação e pensar em uma resposta.
- Ao final deste período, peça a cada grupo que apresente suas conclusões e aprofunde a discussão por meio das seguintes questões:
 1. O que é diversidade sexual?
 2. Que tipo de preconceito existe em relação às pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo? Por quê?
 3. Se um/a amigo/a contasse que acha que é homossexual, o que você faria?
- Encerre a atividade apresentando do DVD *Medo de quê?*

16. Adaptado de *Educação em sexualidade dos 10 aos 14 anos*. Ecos, 2008.

Ideias principais

- Todos nós, seres humanos, somos seres diversos e plurais quanto às nossas características físicas e psicológicas. Essa diversidade e pluralidade também se aplicam à maneira como cada um de nós se relaciona e se expressa afetiva e sexualmente.
- Por orientação sexual entendemos a atração afetiva e sexual que uma pessoa sente pela outra. Essa atração pode ser por alguém do sexo oposto e, nesse caso, a pessoa é heterossexual; por alguém do mesmo sexo e, nesse caso, a pessoa é homossexual; por ambos os sexos e, nesse caso, a pessoa é bissexual.
- A homossexualidade não é doença física nem problema psicológico. Hoje já se sabe que ser gay ou lésbica não é uma opção, porque não implica uma escolha. O homossexual não opta por ser homossexual, assim como o heterossexual não escolhe ser heterossexual, o mesmo acontecendo com os bissexuais.
- É impossível a um homossexual levar ou influenciar outra pessoa a ter a mesma orientação sexual que a dele. Da mesma maneira, não se cura a homossexualidade em consultórios psiquiátricos ou cultos religiosos.
- A homofobia, ou seja, a aversão que algumas pessoas sentem em relação às que têm desejo sexual e afetivo por pessoas do mesmo sexo, é movida, sobretudo, pelo desconhecimento, pela desinformação em relação à sexualidade e às diferentes formas de expressão do desejo, do afeto e dos sentimentos.
- A aversão ou a discriminação contra pessoas trans (transexuais e travestis) chama-se transfobia. A discriminação ou a intolerância a essas pessoas pode acontecer de forma direta (violência física ou psicológica) ou indireta (pela recusa de se garantir que as pessoas trans sejam tratadas da mesma forma que as pessoas não-trans).
- Todos os dias, na maioria dos países, milhares de homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros são vítimas de violência. Seja por situações de discriminação, por lesões físicas e até mesmo por homicídio.
- As pessoas têm o direito de viver a sexualidade com prazer e segurança. Isso inclui o direito de tomar decisões sobre a própria vida sexual, escolhendo se quer ou não ter relações sexuais e com quem.

Folha de apoio

Situação 1

Nossa melhor amiga tem faltado muito às aulas. Telefonamos para a casa dela, mas ela não quis conversar com a gente. Lembramos que, na penúltima aula de Educação Física, os meninos começaram a lhe falar umas coisas que a chatearam bastante: que ela era anormal porque parecia um menino, que gostava mesmo era de mulher e era sapatona. Todo mundo viu isso acontecer e não fez nada, nem a gente. Achamos que ela ficou com medo de voltar para a escola e de ser discriminada pela turma.

O que nós podemos fazer?

Situação 2

Desconfiamos que a faxineira da escola é um homem vestido de mulher. Falamos isso para a nossa professora e ela disse que existem várias orientações sexuais e que uma delas se chama transgênero, que é quando uma pessoa tem um corpo de um sexo, mas sente como se fosse do outro. Disse, também, que todas as pessoas têm o direito, garantido por lei, de gostar de quem quiser. Na escola, não se fala em outra coisa e alguns pais estão pressionando a direção para mandar a faxineira embora. Ela é muito legal e minha turma quer fazer alguma coisa para acabar com esse falatório e ela permanecer na escola trabalhando.

O que nós podemos fazer?

Situação 3

Em nossa classe tem um cara diferente dos outros. Por isso, tem muita gente que acha que ele é frutinha. Só porque ele gosta de poesia e detesta futebol isso significa que ele gosta de homem e não de mulher? A situação está ficando cada dia mais chata, porque tem uma turma de garotos que fica zoando dele o tempo todo, chamando-o de “bâmbi” e de veado. Queremos que isso acabe, mas temos medo de encarar uma conversa com esta turma e também sermos zoados.

O que nós podemos fazer?

Oficina 3: Diversidades e violências¹⁷

Objetivos	Materiais necessários	Tempo	Ciclos
Discutir as diversas formas de violência e agressão do cotidiano da escola e no espaço público, especialmente em relação aos/às adolescentes e jovens LGBT.	Folhas de papel sulfite, canetas, fita crepe, lousa e giz.	2h	1º ao 3º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Distribua aos/às alunos/as tiras de sulfite e canetas.
- Escreva na lousa as palavras VIOLÊNCIA e, em seguida, apresente o conceito de violência¹⁸ abaixo:

Há diversas formas de violência. Quando falamos em violência, geralmente pensamos em pessoas malvadas, que agredem, roubam e matam. Entretanto, se prestarmos atenção, veremos que existem outras possibilidades de exercício da violência que estão presentes o tempo todo nas relações entre as pessoas. Alguns exemplos:

- *uma pessoa menospreza outra por características como cor, idade, classe social, orientação sexual;*
 - *uma pessoa se utiliza da outra, por meio da autoridade, da chantagem ou da ameaça, para obter o que deseja;*
 - *uma pessoa trata a outra com indiferença e desrespeito.*
- Explique que, ao contrário do que imaginamos, a violência não está só nas notícias dos jornais e do lado de fora da escola. Ela se manifesta, por exemplo, numa atitude de desprezo a uma pessoa por ela ser diferente fisicamente, pensar ou agir de modo diverso ao nosso.
 - Pergunte aos/às alunos/as quais seriam, na escola, as situações em que a violência aparece por causa de diferenças.

17. Adaptado de *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. Corsa/Ecos, 2008.

17. Schilling, Flávia. Indisciplina, violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/10_schilling.pdf. Acessado em 11 de dezembro de 2008.

- Conforme falarem, escreva as palavras no quadro.
- Procure relacionar quais tipos de agressões se aplicam para qualquer pessoa e quais aquelas que atingem mais os/as heterossexuais, os/as homossexuais ou os/as bissexuais.
- Incite o debate a partir das questões seguintes:
 1. Como nos sentimos quando somos vítimas de ações agressivas? E quando somos os/as agressores/as?
 2. Vocês já presenciaram alguma cena de agressão ou de xingamento contra jovens LGBT? O que aconteceu? Que atitudes vocês tomaram?
 3. O que podemos fazer coletivamente na escola em que estudamos para evitar agressões e xingamentos contra adolescentes e jovens LGBT?
- Finalize explicando que a discriminação pode ser dividida em dois tipos:
 - **Velada** – se manifesta por palavras irônicas, expressões fisionômicas, gestos, representação de trejeitos. Quase sempre são insinuações, sem que se possa comprovar a intenção maldosa. A única maneira de a escola enfrentar a discriminação velada é ficando atenta para as brincadeiras, insinuações e zombarias que acontecem no dia a dia da escola. Sempre que possível, é importante que o/a educador/a procure conversar com a classe sobre as diversidades, em particular sobre a diversidade sexual, permitindo que tirem suas dúvidas e que estabeleçam uma relação respeitosa com as pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual.
 - **Aberta** – é a rejeição explícita, a ofensa dirigida a alguém de forma declarada, para que todos vejam e ouçam. A discriminação aberta pode se expressar com:
 - *agressões verbais* – por exemplo, os/as jovens costumam ofender com palavras cujos significados relacionam-se à homossexualidade, mesmo quando não estão se referindo a ela especificamente. Na verdade, não é a palavra que ofende, é a intenção, percebida pelo contexto e pela entonação de quem fere. Os insultos, as humilhações podem ser percebidos como manifestações de violência e de agressão;
 - *agressões físicas* – são, por exemplo, os tapas, empurrões, chutes e socos, que podem provocar lesões, pôr em perigo a saúde e a vida de outra pessoa.

Ideias principais

- Existem vários tipos de violência relacionados ao tratamento hostil e discriminatório com que algumas pessoas tratam as outras, a partir de certas características como, por exemplo: ser mulher; ser pobre; ser gay, lésbica ou bissexual; ser negro.

- Entende-se por **sexismo** o tratamento indigno e desigual que se dá a um determinado gênero – feminino ou masculino – acreditando-se que um sexo vale mais que o outro.
- **Homofobia** é um termo utilizado para identificar o ódio, aversão ou a discriminação em relação aos homossexuais. *Lesbofobia* significa ódio, aversão ou discriminação às lésbicas. *Transfobia* define a aversão, o ódio e a discriminação em relação aos transgêneros (transexual e travesti).
- O **racismo** é a convicção de que existe uma relação entre as características físicas hereditárias, como a cor da pele, e determinados traços de caráter e inteligência ou manifestações culturais que fazem com algumas raças sejam superiores às demais.
- O sexismo, a homofobia/lesbofobia/transfobia e o racismo são problemas reais que produzem e alimentam preconceitos, discriminações e violências. Geram, nas pessoas que sofrem discriminação, mal-estar, insegurança, angústia, isolamento e sofrimento. Podem, inclusive, interferir em suas relações sociais e prejudicar o rendimento escolar.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Os 11 sexos – Ronaldo Pamplona – (Toyoti Kond Produções)

Menino brinca de boneca? – Marcos Ribeiro (Editora Moderna).

Veja mais

Boneca na mochila – DVD produzido pela Ecos (www.ecos.org.br)

Navegue mais

Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual – www.aids.gov.br

ERA UMA VEZ UMA OUTRA MARIA – DVD E MANUAL

Autores: Instituto Promundo, Ecos, Papai e Salud y Género

Conta a história de Maria, que percebe a forma diferente e, muitas vezes, desigual como são criadas as meninas e os meninos. Em formato de desenho animado, sem palavras, é um bom instrumento para os/as educadores preocupados em abordar os temas da gravidez na adolescência e da violência sexual de forma inovadora. Acompanha um guia de discussão, com sugestões de técnicas de trabalho em grupo que poderão ser utilizadas na promoção de discussões sobre a construção do feminino e do masculino e as implicações desses estereótipos em suas vidas.

Atividade sugeridas

Atividade 1: Minha família é assim.¹⁹

Objetivos	Materiais necessários	Tempo	Ciclos
Conhecer as diferentes formas de organizações familiares existentes e os preconceitos que existem em relação aos tipos de famílias que fogem do modelo considerado ideal.	Folhas de papel sulfite, canetas, lápis de cor ou canetas coloridas.	2h	1º ao 3º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Escreva no quadro a palavra FAMÍLIA e peça que os/as participantes digam tudo o que vem na cabeça deles/delas quando se fala esta palavra. Escreva as palavras que forem faladas e informe que aquelas palavras vão ficar no quadro e que, um pouco mais tarde, se voltará a elas.
- Distribua uma folha de papel, lápis preto e lápis de cor para cada participante.
- Solicite que desenhem naquela folha de papel todas as pessoas que fazem parte da sua família, inclusive ele/a mesmo, como se fosse uma fotografia para colocar em um porta-retratos.

19. Adaptado da publicação *Boletim Transa Legal para Famílias*, Ecos 1999.

- Quando todos terminarem o seu desenho, convide as pessoas a ir à frente, as que quiserem, para apresentar sua família para as outras. Quando a primeira pessoa terminar, peça que ele/a continue na frente e que outro/a, que tenha uma família diferente daquela apresentada, venha apresentar a sua. Faça isso até que todas as pessoas que quiserem tenham apresentado suas famílias.
- Aprofunde o tema a partir das seguintes questões:
 1. O que é uma família?
 2. Qual é a função da família em nossa sociedade?
 3. Todas as famílias são iguais? Todas as famílias precisam ser iguais?
 4. Como uma família deve ser para a gente achar que é uma boa família?
 5. O que acontece em uma família que faz com que a gente ache que aquela família não é boa?
 6. Qual a importância da família para as crianças? Essa importância muda dependendo da idade?

Ideias principais²⁰

- A família é um conjunto de pessoas de idades e sexos diferentes, que se relacionam numa constante troca de relações afetivas. Nas relações entre os parceiros e entre os pais e filhos/as podem existir situações de solidariedade, de conflito, de carinho, de raiva, etc.
- Um grupo familiar tanto pode ser composto por vários parentes como pode ser composto por um só dos cônjuges com seus filhos e filhas.
- Uma das funções mais importantes da família é a socialização. É na vida cotidiana familiar que os/as filhos/as vão recebendo os primeiros ensinamentos e vão internalizando os valores dos demais membros. É por isso que se diz que a família reproduz os valores culturais, porque os ensinamentos são transmitidos de uma geração para outra.
- Dentro de uma família, é importante que todos os membros tenham espaço para manifestar seus sentimentos e opiniões.
- Em uma família, regras de tolerância mútua também podem e devem ser estabelecidas. Para isso, pode ser suficiente uma conversa em família. Se isso não for possível, pode-se pedir ajuda a uma terceira pessoa.

20. Adaptado da publicação *Violência intrafamiliar*, Ministério da Saúde, 2002.

Atividade 2: Histórias que me contaram

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Discutir as diferenças entre homens e mulheres porque estas diferenças se transformam em desigualdades. Refletir, também, sobre gênero como uma construção social.	Tiras de papel, canetas hidrográficas, fita adesiva ou crepe, desenho de uma árvore com raiz aparente, tronco e galhos, com aproximadamente 2 m de altura.	2h	6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Passo a passo

- Antes da atividade, desenhe a figura da árvore.
- Divida os/as participantes em 4 grupos e peça que façam uma lista com todas as informações que são contadas para as crianças sobre ser menino ou menina. Por exemplo: “menino não chora” e “menina tem que sentar de perna fechada”.
- Distribua tiras de papel e peça que escrevam cada informação em uma tira.
- Cole o cartaz com a árvore na parede e solicite que, conforme os grupos terminarem, fixem suas tiras na raiz da árvore. As relacionadas aos meninos do lado esquerdo e às meninas do lado direito.
- Peça que voltem para seus grupos e que reflitam sobre quem costuma dar essas informações para as crianças (família, escola, sociedade, religião e mídia). Cada resposta deverá ser escrita em uma tira e colada no tronco da árvore.
- Depois de coladas, proponha que, novamente, voltem aos grupos e reflitam sobre o que acontece com essas crianças quando elas se tornam adultas – homens e mulheres criados sob essas orientações. Por exemplo, quais seriam suas tendências profissionais, suas dificuldades, seu comportamento em relação à sexualidade e à afetividade.
- Explique que os resultados dessa reflexão deverão ser escritos nas tiras e colados como frutos. Os referentes ao sexo masculino à esquerda e ao sexo feminino à direita.
- Quando terminarem, leia, de cima para baixo, as respostas que foram dadas para meninos e meninas e pergunte aos/as participantes a que conclusões podemos chegar com esse exercício.
- Aprofunde o debate a partir das seguintes perguntas:
 1. De tudo o que foi colocado na árvore, o que ainda é assim e o que é diferente?
 2. É difícil ou fácil para as pessoas aceitarem que existem homens que gostam de poesia e que detestam futebol? Por quê?

3. É difícil ou fácil para as pessoas aceitarem que existem mulheres mais agressivas e aquelas que não pensam em ser mães? Por quê?

Ideias principais

- Estereótipos são imagens preconcebidas sobre determinadas pessoas, coisas ou situações. Seu uso cotidiano, além de limitar as oportunidades para diferentes grupos e pessoas, ainda é um grande motivador de preconceitos e discriminações. Em relação aos gêneros, por exemplo, tem muita gente que ainda acredita que todas as mulheres são frágeis, dependentes, sensíveis e que, portanto, não podem assumir trabalhos que exijam comando. Por outro lado, como os homens são considerados mais fortes, independentes e agressivos, não teriam competência suficiente para cuidar de crianças pequenas.
- Ao se trabalhar com sexualidade, os mitos e tabus que envolvem o tema necessitam ser vistos cuidadosamente. Geralmente, reproduzimos padrões aprendidos, sem nos darmos conta do quanto estamos impregnados por eles.
- Quando as pessoas sentem-se à vontade para falar, isso favorece a compreensão das diferenças entre os gêneros, a união do grupo e o processo de conscientização de que as diferenças não podem se transformar em desigualdades.

Atividade 3: E agora?

Objetivo	Materiais necessários	Tempo	Ciclo
Refletir sobre as implicações de uma gravidez na vida de um jovem e de uma jovem.	Paredes, roupas, folhas de papel, lã, fita adesiva, canetões.	2h	1º ao 3º ano do Ensino Médio

Passo a passo

- Divida os participantes em dois grupos.
- Explique que o **grupo A** representará a vida de João e o **grupo B**, a vida de Maria.
- A proposta é que cada grupo crie uma história sobre a trajetória de vida de cada personagem, do nascimento até os 30 anos, de acordo com as instruções abaixo:
 1. cada grupo usará uma parede da sala;
 2. cada grupo deverá contar a história de João e Maria pensando nos diferentes ciclos da vida: infância, adolescência, juventude e adulto/a;
 3. no entanto, esta história deverá ser montada como um “mural egípcio”, ou seja, as pessoas deverão ficar paradas, com pelo menos uma parte do corpo encostada na parede e em total silêncio;
 4. uma pessoa deverá ficar fora do mural e fazer as vezes de um/a narrador/a contando o que acontece na vida do/a personagem em cada etapa da vida.
- Informe que existem na sala vários materiais e roupas que poderão ajudá-los a compor o/a personagem através do tempo, e que terão 30 minutos para elaborar a apresentação e 5 para a apresentação.
- Depois que os dois grupos tiverem apresentado suas histórias, peça que desfaçam os murais e pergunte, caso Maria e João ficassem grávidos na adolescência, o que aconteceria de diferente na vida deles?
- Peça que refaçam os murais mostrando:
 - Grupo A** – como seria a vida João a partir da paternidade?
 - Grupo B** – como seria a vida de Maria a partir da maternidade?
- Após as apresentações, abra para a discussão a partir das seguintes questões:
 1. Que opções teria Maria ao se descobrir grávida?
 2. Que opções teria João ao se descobrir grávido?
 3. Em termos da escola, o que poderia acontecer na vida da Maria? E na de João?
 4. Que tipo de apoio os/as amigos/as poderiam dar a Maria?

5. Que tipo de apoio os/as amigos/as poderiam dar a João?
 6. Como poderia ser feito um trabalho na escola para evitar que uma gravidez acontecesse sem que o casal tivesse planejado engravidar?
- Finalize, apresentando e discutindo o DVD *Era uma vez uma outra Maria*.

Ideias principais

- Durante séculos, nossa cultura atribuiu à mulher a responsabilidade de cuidar da concepção e da contracepção. No entanto, essa responsabilidade deveria ser compartilhada, ou seja, tanto os garotos quanto as garotas são corresponsáveis pelas decisões reprodutivas.
- As camisinhas – feminina e masculina – continuam sendo os melhores métodos para se evitar uma gravidez, com a vantagem extra de prevenir as DST e a aids. Assim, uma das responsabilidades da escola é diminuir a resistência, principalmente dos garotos, ao uso constante da camisinha; fazendo-os compreender que o uso de métodos contraceptivos e o cuidado dos filhos não são responsabilidades exclusivas das mulheres.
- No Brasil, pouca atenção tem sido dada ao pai, particularmente adolescente, no processo de gravidez e no cuidado para com os filhos. Cada vez mais é preciso incentivar a participação masculina na vida reprodutiva e familiar, repensando preconceitos com relação aos pais adolescentes e promovendo condições para uma maior interação entre pai-mãe-filho.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Menino brinca de boneca – Marcus Ribeiro – Editora Moderna.

Primeira vez – Ivan Jaf – Editora Moderna.

Gravidez na adolescência – Albertina Duarte – Editora Record.

Veja mais

Juno – Direção: Jason Reitman

Navegue mais

Instituto Patrícia Galvão

Organização não-governamental que tem por objetivo desenvolver projetos sobre direitos da mulher e meios de comunicação de massa.

www.patriciagalvao.org.br

Instituto Papai

Organização não-governamental, sediada em Recife (Nordeste do Brasil), que desenvolve ações educativas, informativas e políticas junto a homens e jovens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre gênero e masculinidades.

www.papai.org.br

**PUBLICAÇÕES PARA SUBSIDIAR O TRABALHO
DOS/AS EDUCADORES/AS DO ENSINO FUNDAMENTAL
E ENSINO MÉDIO NA HTPC**

A ADOLESCÊNCIA

Autor: Contardo Calligaris

Nesta publicação, o psicanalista Contardo Calligaris parte da ideia de que a adolescência é, sobretudo, uma criação sociocultural relativamente recente. Com texto leve, didático e simples, possibilita ao/a educador/a decifrar, além da mística que envolve este fenômeno, seus problemas intrínsecos e aparentemente insolúveis.

Atividade sugerida – O que é a adolescência?

Finalidade	Materiais necessários	Tempo
Propiciar reflexões sobre os diferentes significados da adolescência, conceituando-a em uma perspectiva sociocultural.	Cópia de trechos do livro <i>Adolescência</i> , de Contardo Calligaris	2h

Passo a passo

- Inicialmente, apresente a finalidade desse encontro.
- Em seguida, distribua as cópias do texto abaixo e proponha que façam uma leitura compartilhada.
- Informe que, ao final de cada parágrafo, os/as educadores/as poderão fazer seus comentários e tirar suas dúvidas.
- Terminada a leitura, sugira que formem grupos de 4 ou 5 pessoas e que discutam as seguintes questões:
 1. Que outros conceitos sobre o que vem a ser a adolescência vocês conhecem? Algum deles dá conta da diversidade das adolescências?
 2. Que expectativas as escolas e os/as educadores/as costumam ter em relação aos adolescentes do sexo masculino?
 3. Que expectativas as escolas costumam ter em relação às adolescentes?
 4. De que forma essas expectativas influenciam o desempenho dos/as educadores/as?
 5. Que propostas poderiam ser desenvolvidas na escola para diminuir a vulnerabilidade dos/as adolescentes e jovens às doenças sexualmente transmissíveis e à infecção pelo HIV? E para prevenir situações de violência?

- Após 30 minutos, solicite que cada grupo compartilhe com os outros suas reflexões e as anote no quadro em forma de palavras-chave.
- Encerre informando que, atualmente, muitos especialistas usam o termo *adolescências* por acreditarem que a adolescência, mais que um fenômeno biológico, é um fenômeno histórico, cultural e de classe. Assim, não existe uma única forma de ser e viver a adolescência e, sim, uma enorme diversidade de grupos sociais que constroem suas especificidades, seus valores, sua história, seus limites e possibilidades.

A adolescência

(...) Até a metade dos anos 60, claramente o ideal (inclusive estético) da maioria dos adolescentes era a idade adulta. O que os adolescentes dessa época mais queriam era ser aceitos e reconhecidos como adultos, obter, em suma, pleno acesso à tribo. Isso provavelmente não é diferente do que querem os adolescentes de hoje. Mas, justamente com esse fim, os de então se esforçavam em imitar os adultos. O aniversário (12 ou 13 anos), em que as calças compridas eram autorizadas, era esperado como se fosse mais importante ou tão importante quanto a crisma, o *bar mitzvah* ou equivalente. As maneiras em público eram, do mesmo jeito, inspiradas pelos adultos. Chegando em casa da escola, os jovens deviam trocar a roupa de rua para a roupa de casa (isso porque se presumia que uma “criança” se sujasse, deitasse no chão, etc.).

(...) Também os adolescentes dos anos 60 procuravam não só parecer adultos, mas se aventurar em qualidades de experiências adultas. Se possível, mais adultas do que a experiência dos adultos. Algumas atividades adolescentes (desde as brincadeiras até a masturbação) eram culpadas e vergonhosas, não tanto por serem proibidas, mas por serem infantis, ou seja, prova de distância da idade adulta, de falta da maturidade que daria acesso ao reconhecimento social e à independência.

Talvez por isso os adolescentes dos anos 60 acabaram sendo uma geração de indivíduos politicamente engajados, para mitigar e esconder uma vontade de folia atrás da seriedade da consciência social. O ideal deles era a vida adulta. O desejo era não de se conformar aos adultos, mas de não se diferenciar deles por serem infantis, adolescentes.

(...) Isso começou a mudar bem naquela época. Aos poucos, os adolescentes se tornaram o ideal dos adultos. Logo, ao interpretar o desejo dos adultos e procurar descobrir qual seria o sonho deles atrás de seus eventuais pedidos de conformidade, os adolescentes depararam com sua própria imagem. O ideal escondido dos adultos eram eles mesmos, os adolescentes. Como satisfazer aos adultos, senão sendo mais adolescentes ainda do que já eram?

(...) Nessa situação – em que a adolescência é um ideal para todas as idades e global –, o adolescente se torna um ideal para si mesmo. Ele é empurrado pelo olhar admirativo de adultos e crianças a se tornar cada vez mais a cópia de seu próprio estereótipo. (...) a ser rebelde para seguir ocupando o centro de nossa cultura, ou seja, o lugar do sonho dos adultos.

A adolescência, nessa altura, não precisa acabar. Crescer, se tornar adulto não significaria nenhuma promoção. Consistiria em sair do ideal de todos para se tornar um adulto que só sonha com a adolescência.

Acaba assim a preocupação fundamental do adolescente de ser aceito ou reconhecido pelos adultos como um par. Não precisa mais se preocupar. A adolescência é agora o ideal dos adultos por ser supostamente um tempo de férias permanentes – uma maneira de ser adulto quanto aos prazeres, mas sem as obrigações relativas.

(...) Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganham um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar.

Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer. Suma sabedoria. Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos é manifestamente a de rejuvenescer?

SAÚDE E PREVENÇÃO NAS ESCOLAS – GUIA PARA EDUCADORES E DIRETRIZES PARA IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO.

Autores: Ministérios da Saúde e da Educação com o apoio da Unesco, Unicef e UNFPA.

Traz textos e oficinas sobre os diferentes aspectos da sexualidade e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, tendo como base o respeito aos direitos humanos.

As diretrizes para a replicação do projeto são apresentadas didaticamente, reforçando-se a necessidade do envolvimento dos níveis federal, estadual e municipal,

Atividade sugerida – Saúde e prevenção nas escolas: uma articulação entre a Educação e a Saúde.

Finalidade	Materiais necessários	Tempo
Conhecer a trajetória das/os participantes em projetos de educação preventiva. Apresentar o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE).	Folhas de papel sulfite e canetas coloridas, fita crepe, apresentação em <i>power point</i> ou cartazes sobre o que é o SPE, texto de apoio.	2h

Passo a passo

- Inicie a atividade lembrando aos/às participantes que há muito tempo as escolas da rede estadual de ensino participam de projetos na área da prevenção.
- Pergunte quem já desenvolveu atividades relacionadas à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, do HIV/aids, uso de álcool e outras drogas e violência relativas aos projetos Prevenção Também se Ensina e Comunidade Presente.
- Distribua uma folha de papel e no mínimo três canetas para cada participante e peça que eles desenhem uma estrada e que, nela, escrevam todas essas experiências que já tiveram acerca de educação preventiva.
- Quando terminarem, peça que reflitam sobre essas experiências e que escolham uma na qual acreditam que sua atuação, efetivamente, contribuiu para que diminuísse a vulnerabilidade dos/as alunos/as. Peça que descrevam essa experiência no papel por meio de palavras-chave ou desenhos.
- Quando terminarem, peça que quem quiser apresente sua estrada.

- Em seguida, apresente o material do projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) a partir do texto de apoio. Se possível, faça esta apresentação em *power point* ou cartazes para facilitar o entendimento dos/as participantes.
- Ao final, abra para o debate, esclarecendo que o material é composto por um guia para professores/as com oficinas e texto e um manual com as diretrizes do projeto.

Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas

Projeto elaborado e implementado pelos Ministérios da Saúde e da Educação, com apoio da Unesco, Unicef e UNFPA. Tem como proposta integrar as áreas e os serviços de saúde-educação, considerando a escola como o melhor espaço para a articulação das políticas voltadas para adolescentes e jovens.

Premissa: articulação e apoio mútuo de diferentes setores e instâncias da sociedade.

Princípios

- Promover a equidade racial, étnica, de gênero e de orientação sexual dos adolescentes e jovens no acesso à informação, reflexão, diagnóstico e tratamento.
- As ações preventivas relacionadas às DST/HIV e ao uso de álcool e outras drogas devem ter como eixo norteador as noções de vulnerabilidade – individual, institucional e social – e de redução de danos.
- Todas as ações desenvolvidas nas unidades escolares e de saúde devem ser inseridas no contexto histórico, político, econômico e sociocultural de cada região.
- As ações preventivas devem ser parte integrante das propostas pedagógicas das escolas, como forma de garantir sua continuidade.

Objetivo geral: incorporar a cultura da prevenção à atuação profissional cotidiana dos/as educadores/as e dos/as profissionais da saúde.

Finalidades

- **Políticas públicas** voltadas para a promoção da saúde sexual e saúde reprodutiva, com a redução da incidência das DST e da infecção pelo HIV na população jovem.
- **Parcerias** entre escola, instituições governamentais e não-governamentais, somando esforços para a formação integral do educando.
- Estimular a **participação juvenil** para favorecer a atuação dos adolescentes e jovens como sujeitos transformadores da realidade.

- **Formação continuada** dos profissionais de educação e saúde para responder às diferentes situações relacionadas à vivência da sexualidade no cotidiano dos adolescentes e jovens escolarizados.
- Redução da **gravidez na adolescência**.
- Redução da **evasão escolar** relacionada à gravidez na adolescência.
- **Recursos** para a escola desempenhar sua atuação no respeito e convívio com as diferenças.
- Inserção das temáticas relacionadas à **educação no campo da sexualidade** ao cotidiano da prática pedagógica dos professores.
- Demandas em **saúde da população jovem** nas UBS escolhidas.
- **Rede integrada saúde-educação** visando reduzir os agravos à saúde da população jovem.
- **Ações do SPE integradas** na comunidade e na família.
- **Ações inclusivas** para pessoas com necessidades educacionais especiais favorecendo a vivência de sua sexualidade com autonomia e proteção social.
- Elaboração de **materiais didático-pedagógicos** que possibilitem a acessibilidade de jovens com deficiência auditiva e visual.
- Redes para a **troca de experiências** nos diversos estados e municípios brasileiros.
- Sustentabilidade das ações de promoção do SPE consolidando **políticas públicas de proteção** à adolescência e à juventude brasileiras.

Estratégia

Integração dos setores saúde-educação, respeitando os princípios e diretrizes que os fundamentam, a partir do compromisso dos gestores, responsáveis pelas políticas governamentais nas três esferas de governo – federal, estadual e municipal, na implementação do projeto e na consolidação de uma política pública de prevenção e promoção à saúde nas escolas, por meio da constituição de:

1. *Grupo Gestor Federal* (GGF) – participam representantes do Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Unesco, Unicef e UNFPA. Esse grupo se reúne sistematicamente para trabalhar as diretrizes, a implantação e implementação, o monitoramento e avaliação do Projeto.
2. *Grupo Gestor Estadual* (GGE) – participam representantes da saúde e da educação, das universidades e outros atores que desenvolvam ações nas escolas ou em outros espaços, repercutindo na saúde e na diminuição da vulnerabilidade da população

escolarizada às DST, à aids e à gravidez na adolescência (demais secretarias, organizações da sociedade civil, organizações de jovens, conselhos).

3. *Grupo Gestor Municipal* (GGM) – com representantes da saúde, da educação e outras secretarias e instituições (Universidades, Organizações da Sociedade Civil, Conselhos, Secretarias da Cultura, Ação Social, Justiça, Esporte e Lazer, entre outras) que desenvolvam atividades com a população jovem, bem como as organizações juvenis.

DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: UMA METODOLOGIA DE TRABALHO COM ADOLESCENTES E JOVENS

Autores: Corsa/Ecos

A partir de textos e de propostas de oficinas, esta publicação possibilita aos/às profissionais da educação informações importantes sobre questões relacionadas à diversidade sexual. Favorece, ainda, o questionamento e a desconstrução de uma série de preconceitos e discriminações existentes no contexto escolar tais como: a homofobia, lesbofobia e transfobia.

Atividade sugerida: Concordo, discordo e tenho dúvidas

Finalidade	Materiais necessários	Tempo
Debater preconceitos associados à questão da diversidade sexual de modo a desconstruir visões cristalizadas.	3 folhas de papel sulfite escritas em cada uma: CONCORDO DISCORDO TENHO DÚVIDAS Texto de apoio para todos/as.	2h

- Afixe as três folhas nas paredes, uma bem separada das outras.
- Peça que os/as educadores/as se levantem e diga-lhes que você lerá uma afirmação relacionada à questão da diversidade sexual.
- Explique que, depois de ler a afirmação, eles/as deverão se dirigir a um dos lugares da sala em que estão afixados os cartazes, ou seja, quem concordar deve se locomover até o cartaz escrito CONCORDO, e assim por diante.
- Quando todos/as estiverem posicionados junto ao cartaz ao qual se dirigiram, peça-lhes que justifiquem sua posição. Estimule os três grupos a falar porque optaram por aquela resposta.
- Após uma breve discussão, leia uma nova afirmação e repita o procedimento até terminar as frases.
- Encerre, solicitando que os/as educadores/as voltem a seus lugares, distribua o texto e proponha uma leitura compartilhada.

Folha de apoio para o/a professor/a coordenador/a

Afirmações

- 1- As pessoas podem escolher se querem ser homossexuais, bissexuais ou heterossexuais.
- 2- A maior parte das mulheres que se tornam lésbicas é porque foram abusadas por um homem na infância.
- 3- Um menino que foi criado por um pai homossexual tem mais chance de se tornar um homossexual ou um travesti.
- 4- Um homossexual que queira se curar de sua homossexualidade deve procurar um psicólogo ou um líder religioso.
- 5- Travesti é o homem que se traveste de mulher para se prostituir.
- 6- Transexual é aquela pessoa que nasceu com um determinado sexo, mas que se acha/sente de outro.

Diversidade sexual

Existem diferentes formas de ser homem ou ser mulher. Existem, também, diferentes formas de viver, de expressar a sexualidade, de amar, de desejar.

Os papéis relacionados aos homens e às mulheres são culturalmente definidos, ou seja, uma pessoa nasce macho ou fêmea, mas a maneira de ser homem ou de ser mulher é aprendida de acordo com o que é considerado “desejável” por uma determinada sociedade. Em nossa sociedade, por exemplo, espera-se que os homens sejam viris, machos, heterossexuais, determinados, fortes. Por outro lado, espera-se que as mulheres sejam maternais, delicadas, femininas, dóceis.

Sentir atração afetivo-sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo não é um erro da natureza, é apenas outra forma de expressão da sexualidade e da capacidade de amar do ser humano. A homossexualidade (feminina e masculina), a bissexualidade, transexualidade e a travestilidade não são doenças. Portanto, não se aplica a ideia de que é possível “curar” essas manifestações de sexualidade.

Para compreendermos melhor a diversidade sexual, o melhor caminho é compreender a sexualidade em três de seus aspectos fundamentais, sendo que dentro de cada um/a de nós eles interagem de maneira dinâmica. São eles: sexo biológico, identidade sexual e orientação sexual.

O **sexo biológico** é constituído pelas características fenotípicas (órgãos genitais, mamas, barba) e genotípicas (genes masculinos e genes femininos) de nosso corpo. Existem somente dois sexos: masculino e feminino.

A **identidade sexual** está vinculada à ideia de quem acreditamos ser. Três aspectos são importantes na definição da identidade sexual: as características físicas da pessoa, o contexto familiar e social em que se insere e a maneira como se sente. Desse modo, ainda que o sexo biológico seja importante para a definição da identidade sexual, não é esse o único fator relevante. Existem pessoas que acreditam ser homem e mulher ao mesmo tempo, ou seja, têm simultaneamente uma identidade feminina e masculina e são denominadas travestis. Além disso, existem pessoas que têm uma identidade sexual oposta a seu sexo biológico, que são chamadas transexuais.

A **orientação sexual** pode ser homossexual quando se deseja pessoas do mesmo sexo, bissexual quando se deseja pessoas de ambos os sexos e heterossexual quando se deseja pessoas de outro sexo. Algumas pessoas se referem à orientação sexual como se fosse uma opção sexual. Entretanto, isso é um equívoco. A orientação sexual não depende de escolhas conscientes e não pode ser aprendida. Ainda que não se encontrem definições claras na literatura, acredita-se que múltiplos aspectos psicológicos, sociais e genéticos estejam relacionados com a orientação do desejo. O mais importante é que respeitemos o direito de homossexuais, bissexuais e heterossexuais de serem o que são e que criemos condições para que cada um possa reconhecer e admitir os próprios desejos.

Fonte: *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*

Corsa/Ecos

VIOLÊNCIA URBANA

Autores: Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida

Esta publicação trata da violência de caráter endêmico, implantada num sistema de relações assimétricas, gerando uma longa tradição de práticas de autoritarismo.

Os patamares da violência urbana no Brasil são apresentados num contexto maior em que ela se apresenta e indica alguns caminhos para sua superação.

Atividade sugerida: Tipos de violência

Finalidade	Materiais necessários	Tempo
Propor alternativas e soluções possíveis de serem desenvolvidas em conjunto com seus alunos, funcionários e comunidade tendo em vista a redução das situações de violência.	Folhas de papel e lápis; quadro com a definição de violência da Organização Mundial de Saúde, texto de apoio: <i>Tipos de violência</i> para todos/as.	2h

Passo a passo

- Inicialmente, apresente a finalidade desta HTPC.
- Divida os/as participantes em grupos de 4 ou 5 pessoas. Cada um/a deles/as receberá uma folha de papel. Explique que a tarefa é definir o que é violência.
- Peça aos grupos, um a um, para apresentar suas definições. Destaque as principais ideias e conceitos-chave de cada um dos grupos e coloque-os num grande pedaço de papel ou no quadro.
- A partir das definições levantadas pelo grupo, explique que um dos livros desse kit se refere ao tema *Violência urbana* e que, logo no início, o autor coloca a definição básica de violência: *ação intencional que provoca dano*. No entanto, apesar de essa definição parecer simples, é algo muito complexo, uma vez que diz respeito tanto a uma agressão física como a um roubo de banco. Assim, ele propõe a definição ampla do termo violência construída pela Organização Mundial de Saúde: *uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico,*

*deficiência de desenvolvimento ou privação*²¹.

- Em conjunto com os/as educadores/as, compare os conceitos que foram elaborados por eles/as com o da Organização Mundial de Saúde.
- Distribua o texto de apoio que traz uma classificação sobre os diferentes tipos de violência e proponha uma leitura compartilhada.
- Ao final, apresente as recomendações da Organização Mundial da Saúde para se prevenir a violência, que fazem referência à educação:
 1. *definir prioridades e apoiar pesquisas sobre causas, consequências, custos e prevenção da violência;*
 2. *promover respostas preventivas à violência;*
 3. *integrar a prevenção da violência nas políticas sociais e educacionais, promovendo a igualdade entre os sexos;*
 4. *ampliar a colaboração e troca de informações para a prevenção da violência.*
- Abra para o debate perguntando: *o que a escola pode fazer para prevenir situações de violência em seu cotidiano?*

Tipos de violência

A Organização Mundial de Saúde divide a violência em três grandes categorias: a violência contra si mesmo (autoinfligida), a interpessoal (infligida por outra pessoa ou grupo) e a coletiva (infligida por conjuntos maiores, como Estados, grupos políticos organizados, milícias e organizações terroristas).

Cada uma dessas três grandes categorias pode ser dividida em tipos mais específicos, tal como:

Violência autoinfligida

É subdividida em comportamento suicida e comportamento autoabusivo. O primeiro abrange pensamentos suicidas e tentativas de suicídio. No autoabuso, incluem-se atos de automutilação.

Violência interpessoal

Pode ser dividida em duas subcategorias:

21. E.G. Krug. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Brasília: OMS/OPAS/UNDP/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

Violência da família e parceiros íntimos – é a violência que, em geral, mas nem sempre, ocorre dentro de casa. Nesse grupo estão, por exemplo, o abuso infantil, a violência praticada por parceiro íntimo e a violência contra idosos. Essa violência doméstica é séria ameaça aos direitos humanos das mulheres em todas as sociedades – ricas ou pobres –, subdesenvolvidas ou industrializadas. Em média, uma em cada três mulheres do planeta já foi vítima de violência numa relação familiar. Em muitos países, as mulheres ainda têm que enfrentar as mortes por motivo de honra (mediante apedrejamento, por exemplo).

Violência comunitária – é a violência, geralmente fora de casa, que ocorre entre pessoas sem laços de parentesco (consanguíneo ou não). Tais pessoas podem conhecer-se ou não. Nesse grupo temos a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro ou ataque sexual por estranhos e a violência em grupos institucionais, como escola, locais de trabalho, prisões e asilos.

Países onde há uma enorme distância entre ricos e pobres mostram regularmente níveis elevados de crime violento. (...) Em todo o mundo, a circulação de armas de fogo contribui para o crime e a violência. Da mesma maneira, sociedades com nível de desenvolvimento apenas médio e com redes de seguridade pública insuficientes tendem a mostrar altos níveis de violência. (...) Não se está afirmando que a desigualdade econômica ou a ausência de sistemas eficazes sejam causas do crime. Na verdade, esses dois elementos compõem contextos em que a violência tende a prosperar.

Violência coletiva

Essa modalidade pode ser dividida em violência social, violência política e violência econômica. Ela supõe a existência de motivos que a levem a ser cometida por grandes grupos. A violência coletiva pode indicar a existência, por exemplo, de crimes de ódio cometidos por grupos organizados, os atos terroristas e a violência de multidões. Na violência política incluem-se as guerras e conflitos armados, a violência do Estado e os atos semelhantes cometidos por grupos maiores motivados pelo ganho material, tais como aqueles que objetivam interromper a atividade produtiva, negar o acesso a serviços essenciais ou criar segmentações econômicas.

(...) Essa tipologia fornece uma estrutura útil para analisarmos e entendermos os padrões de violência na sociedade brasileira e no resto do mundo, assim como na vida diária de indivíduos, famílias e comunidades. Ela permite captar a natureza dos atos violentos, a relevância do cenário, a relação entre perpetrador e vítima e, no caso da violência coleti-

va, as prováveis motivações. Evidentemente, as fronteiras entre as diversas expressões da violência não são tão claras como na tipologia. A realidade sempre embaralha toda forma de classificação.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Os direitos humanos na sala de aula – Julio Groppa Aquino e Ulisses Ferreira Araújo (Editora Moderna)

Resolução de conflitos e aprendizagem emocional – Genoveva Sastre e Montserrat Moreno (Editora Moderna)

A sociedade da insegurança e a violência na escola – Flavia Schilling (Editora Moderna)

DVD Artigo 2º (Ecos)

Navegue mais

Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo – www.nevusp.org

Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana, Universidade Federal do Rio de Janeiro – www.necvu.ifcs.ufrj.br

FENÔMENO BULLYING: COMO PREVENIR A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS E EDUCAR PARA A PAZ

Autora: Cleo Fante

A violência entre escolares, desencadeada de forma repetida contra uma mesma vítima, ao longo do tempo e dentro de um desequilíbrio de poder, conhecida como bullying, é tratada nessa publicação, destacando a realidade vivida hoje nas escolas brasileiras. Apresenta, também, uma proposta de programa pautado em valores como tolerância, respeito e solidariedade, visando subsidiar o/a educador/a na identificação dessas situações e na reflexão sobre como lidar com esse processo que interfere prejudicialmente no desenvolvimento socioeducacional dos alunos.

Atividade sugerida – O bullying na escola

Finalidade	Materiais necessários	Tempo
Propiciar a reflexão sobre o tema – definir o que é bullying, suas consequências e como lidar com suas ocorrências tanto com as pessoas envolvidas na escola quanto nas famílias.	Texto de apoio, papel e lápis para todos/as Cópia dos trechos do livro <i>Fenômeno bullying</i> , de Cléo Fante, para todos/as	2h

Passo a passo

- Inicialmente, apresente a finalidade desse encontro e conceitue o termo bullying: “Bullying pode ser definido como o conjunto de atitudes agressivas intencionais, repetitivas e sem razão aparente cometido por um aluno – ou grupo – que causa sofrimento a outro. O bullying traz um desequilíbrio de poder entre iguais”²².
- Em seguida, distribua as cópias do texto abaixo e proponha que façam uma leitura compartilhada.
- Informe que, ao final de cada parágrafo, os/as educadores poderão fazer seus comentários e tirar suas dúvidas.
- Após a leitura do texto, faça um paralelo entre o que foi apresentado e as suas percepções em sala de aula referentes ao tema bullying.

22. <http://www.diganaoaobullying.com.br/>

- Terminada a leitura, sugira que formem grupos de 4 ou 5 pessoas e que discutam as seguintes questões:
 1. Existem casos de bullying na sua escola? Exemplifiquem.
 2. Quais atitudes os/as educadores/as poderão tomar ao identificar um caso de bullying na escola?
 3. O que é preciso fazer para, no mínimo, diminuir as situações de bullying no contexto escolar?
 4. O que é educar para a paz?
- Após 30 minutos, solicite que cada grupo compartilhe com os outros suas reflexões e as anote no quadro em forma de palavras-chave.
- Encerre informando que atualmente existem vários projetos referentes a modificações na escola com o objetivo de favorecer a tolerância e a solidariedade. Propõem-se, também, o desenvolvimento de habilidades para restaurar as relações abaladas pelos conflitos resolvidos de forma violenta. Na rede estadual de ensino, desde 1998, o projeto Comunidade Presente tem como meta fortalecer as Diretorias de Ensino e as Oficinas Pedagógicas das escolas da rede pública estadual de São Paulo na busca por estratégias voltadas para a reversão de situações de conflito e violência.

Fenômeno bullying

(...) Bullying é uma palavra de língua inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar.

(...) No Brasil, adotamos o termo bullying que, de maneira geral, é empregado na maioria dos países. Bullying, enquanto nome, é traduzido como “valentão”, “tirano”, e como verbo “brutalizar”, “tiranizar”, “amedrontar”. Dessa forma, a definição de bullying é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. (...) O desequilíbrio de poder caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores dos ataques.

(...) É comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflito e tensões. Há ainda inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou

como forma de autoafirmação e para se comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem entre si. Caso exista na classe um agressor em potencial, ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas. (...) Geralmente o agressor prefere atacar os mais frágeis, pois tem certeza de poder dominá-los, porém não teme brigar com outros alunos da classe: sente-se forte e confiante.

(...) Se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se, de ser agressivo e com frequências e mostra fisicamente indefeso, do tipo bode expiatório... ele logo será descoberto pelo agressor.

(...) não há dúvida de que a maioria dos casos de bullying acontece no interior da escola. Entretanto, para que um comportamento seja caracterizado como bullying, é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves. Portanto, os atos de bullying entre os alunos apresentam determinadas características comuns: são comportamentos produzidos de forma repetitiva, num período prolongado de tempo, contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos. (...)

O bullying pode ocorrer de duas formas: direta e indireta. (...) A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social.

(...) Na maioria das vezes, entretanto, os professores ou outros profissionais da escola não percebem a agitação ou não se encontram presentes no local quando acontecem os ataques à vítima. (...) É comum que a vítima não conte para os professores e para os pais o que lhe acontece na escola. Também é comum que os outros participem dos maus-tratos ao bode expiatório, já que todos sabem, por um lado, que ele é frágil e não se atreve a revidar e, por outro, que nenhum dos alunos mais fortes da classe sairão em sua defesa.

(...) Para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao bullying em determinada escola é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências advindas desse tipo de comportamento.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Aprendendo a ser e a conviver – Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro
(Editora FTD).

Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas – Julio Groppa
Aquino (Summus Editorial)

Educação: um tesouro a descobrir – Jacques Delors (Editora Cortez)

Leia mais

Bullying e desrespeito. Como acabar com essa cultura na escola – Marie Nathalie
(Editora Artmed)

Bullying: como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre jovens – Alessandro
Constantino (Nova Editora)

Bullying escolar – perguntas e respostas – Cleo Fante e José Augusto Pedra (Editora
Artmed)

Veja mais

Meninas malvadas – Mark S. Waters

Tiros em Columbine – Michael Moore

Elephant – Gus Van Sant

Navegue mais

www.bullying.pro.br

www.bullying.com.br

www.mundojovem.com.br

LIVRETO INFORMATIVO SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS

Autor: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Cebrid

Com o objetivo de promover a cidadania e reduzir a vulnerabilidade da comunidade escolar em relação ao uso indevido de drogas e à infecção pelas DST e HIV, esta publicação traz informações atualizadas sobre os diferentes tipos de drogas, seus efeitos e índices sobre o uso das diferentes substâncias no país.

Atividade sugerida: A escola e a prevenção ao uso de drogas

Objetivos	Materiais necessários	Tempo
Despertar a capacidade criativa dos/as educadores/as para a elaboração de propostas de prevenção ao uso de drogas baseadas no reforço aos fatores de proteção.	Folhas de <i>flip chart</i> Canetões	2h

Passo a passo

- Divida os/as educadores/as em quatro subgrupos e explique que cada um deles deverá criar uma proposta de atividades para os/as alunos/as voltadas para a prevenção ao uso de drogas.
- Nessa proposta deverão ser pensadas atividades que favoreçam os fatores de proteção, ou seja, *aqueles que protegem as pessoas de situações que poderão agredir a física, psíquica ou socialmente, garantindo um desenvolvimento saudável. Estes fatores reduzem, abrandam ou eliminam as exposições aos fatores de risco, seja reduzindo a vulnerabilidade ou aumentando a resistência das pessoas a eles*²³.
- Cada subgrupo terá 30 minutos para elaborar um quadro com suas propostas sistematizadas e, no máximo, 5 minutos para apresentá-la.
- Após as apresentações, abra para discussão e encerre propondo uma leitura compartilhada do texto *A escola e a prevenção ao uso de drogas*.

23. Guia de Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas – SPE, no prelo.

A escola e a prevenção ao uso de drogas

O objetivo da prevenção ao uso de drogas é *evitar os usos de risco problemáticos ou a dependência de substâncias psicotrópicas, o que requer atuações em diferentes instâncias que vão desde o estabelecimento de políticas públicas que visem à inclusão social, passando pela repressão da oferta de drogas, até um trabalho de redução de demanda para comunidades e indivíduos.*

O papel da escola insere-se na redução da demanda, ou seja, cabe à escola participar e antecipar-se à experimentação, por meio de ações que tenham como objetivo evitar problemas decorrentes do uso de risco. Assim, não se trata de um trabalho pontual a ser feito diante da constatação da existência do consumo de drogas naquela unidade escolar, mas de uma decisão de atuar na formação integral dos/as alunos/as de acordo com as circunstâncias do mundo atual, onde o uso de drogas é um dos aspectos a se considerar.

Existem vários modelos para se fazer a prevenção ao uso de drogas e, mesmo sem ter dimensão que está se fazendo isso, as escolas já trabalham nesse sentido quando proporcionam aos/às alunos/as e suas famílias uma série de atividades que possibilitem sensações agradáveis e prazerosas, tais como atividades esportivas, artísticas ou recreativas.

Neste modelo, a ênfase se dá no sentido de orientar o desenvolvimento do potencial socioafetivo em direção a um estilo saudável de vida, em que o uso de drogas não desperte nem sequer interesse, ou então que este interesse ou curiosidade tenha um menor potencial de prejudicar a pessoa ou a sociedade. É importante que tais atividades variem conforme os interesses e gostos da população a que se destinam.

Outra possibilidade de trabalho seria um investimento maior na área da promoção da saúde. Orientações para uma alimentação adequada, atividades não estressantes e uma vida sexual segura fazem parte deste modelo. Nesta proposta, a escola necessita introduzir a questão das drogas dentro de um contexto amplo, visando à responsabilização da pessoa em relação à sua vida e à sua saúde. Além da saúde individual, aborda questões tais como: a poluição, a solidão e o isolamento urbano, o modelo de vida competitivo e imediatista, e outros temas que provocarão uma reflexão sobre os padrões de comportamento adotados pela sociedade em que vivemos.

Embora estes dois modelos não tenham sido suficientemente avaliados, são coerentes com o papel da escola: um lugar propício/favorável à formação e inclusão social, e não apenas um espaço de transmissão de informações.

Fonte: Adaptado do texto "A escola e o uso de drogas", de Helena Albertani, em *Tá na roda: uma conversa sobre drogas*. Fundação Roberto Marinho.

Foi encaminhado à sua escola nos anos anteriores

Drogas – prevenção à dependência química – Log-On – Editora Multimídia.

O alcoolismo – Ronaldo Laranjeira – Editora Contexto

Drogas: maconha, cocaína e crack – Ronaldo Laranjeira – Editora Contexto.

Drogas: mitos e verdades – Beatriz Carlini Cotrim – Editora Ática.

Drogas: o que é preciso saber para prevenir – Richard Bucher – Ministério da Saúde.

Drogas, aids e sociedade – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde.

É ou não é (vídeo) – Ecos.

Navegue mais

Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid) – www.cebrid.epm.br/index.php

Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (Cratod) – www.cratod.saude.sp.gov.br/

Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen/SP) – www.justica.sp.gov.br/conen/

Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) –

TEXTOS DE APOIO

Fenômeno bullying

*Cleo Fante*²⁴

O bullying é uma das formas de violência que mais cresce nas escolas. É um fenômeno mundial, encontrado em estabelecimentos públicos e privados de ensino. É um tema que preocupa não somente as escolas, mas, sobretudo, os pais e os especialistas que se dedicam a estudar o fenômeno, que envolve crianças em tenra idade e em pleno desenvolvimento.

É caracterizado por atitudes repetitivas de maus-tratos e abusos, especialmente contra aqueles que não oferecem resistência, que possuem dificuldade em se impor ou se defender, pelo desequilíbrio de poder entre as partes, pela ausência de motivos que justifiquem os ataques e pelo sofrimento imputado às vítimas.

O bullying, no ambiente escolar, acontece quando um ou mais estudantes escolhem outro(s) como bode expiatório e, deliberadamente, hostilizam, constrangem, ameaçam, maltratam, de forma gratuita e cruel, especialmente aqueles que consideram “diferentes” ou “esquisitos”. Consideram como tais os que apresentam diferenças físicas, psicológicas, sociais, cognitivas; maneira de se vestir, de andar; preferências musicais; cor de pele, de cabelos; opção religiosa; orientação sexual; sotaque; trejeitos; timidez, introspecção exacerbada, dificuldade ou facilidade de aprendizagem e socialização, etc.

O comportamento bullying pode ser identificado em qualquer faixa etária e nível de escolaridade. Entre três e quatro anos de idade percebe-se o comportamento abusivo, manipulador, dominador e, por outro lado, passivo, submisso e indefeso. Porém, a maior incidência está entre os alunos de 6º ao 9º ano, período em que, progressivamente, os papéis dos protagonistas se definem com maior clareza. No ensino médio e universitário, a incidência bullying diminui, porém, os episódios se agravam, bem como as suas consequências.

Os autores de bullying, denominados “bullies”, perseguem suas vítimas, desferindo-lhes uma série de maus-tratos, como apelidos vexatórios, humilhações, zoações, exclu-

24. Cleo Fante é pesquisadora, consultora educacional, vice-presidente do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar – Cemeobes e autora do livro *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*, publicado pela Verus Editora.

sões, calúnias, difamações. As agressões têm por finalidade ferir o outro, colocá-lo sob tensão e inferioridade. Procuram atacar os mais frágeis, vulneráveis, contra os quais promovem o psicoterrorismo dentro e fora da escola. Intimidam, amedrontam, perseguem ou ainda adotam outras formas de abusos. Podem ser verbais, morais, sexuais, físicos, materiais, psicológicos e virtuais, cyberbullying.

O bullying no mundo virtual pode ser ainda mais perverso do que no mundo real. No mundo virtual não há limites, as sensações de anonimato e de impunidade impulsionam o agressor às atitudes cada vez mais inconsequentes e desumanas. A velocidade na disseminação e reprodução dos ataques é infinitamente maior do que a defesa da vítima, por tratar-se de conexão em rede mundial. Os danos da exposição podem ser devastadores, dependendo do conteúdo e/ou das imagens divulgadas. Os riscos são maiores, uma vez que a vítima pode ser facilmente identificada em outros contextos, além do escolar. A exposição tende a ser mais traumática, pois ocorre num duplo movimento: o que ocorre na escola vai para a rede e o que ocorre na rede vem para a escola. O sofrimento pode ser ainda maior, devido à dificuldade de identificar os responsáveis. Enquanto no mundo real se conhecem o(s) agressor(es), no mundo virtual a maioria dos colegas está sob suspeita, o que conduz a vítima ao inconformismo, isolamento e exclusão.

As consequências do bullying, em suas diversas formas de ataques, afetam a vida do indivíduo. Impossibilitados de defesa e, muitas vezes, incompreendidos e não atendidos em suas reais necessidades – pelos colegas, profissionais e/ou familiares –, aos poucos se retraem, se isolam do grupo e carregam consigo as sequelas da vitimização, podendo extrapolar ao período acadêmico, se não houver intervenção ou superação. Tendem a ser adultos inexpressivos, inseguros, ansiosos, com dificuldade de lidar com os seus sentimentos e emoções, o que compromete as diversas áreas da vida: sentimental, profissional, familiar, social.

Na escola, as consequências vão desde o déficit de concentração e de aprendizagem à queda do rendimento acadêmico, ao desinteresse pelos estudos até ao abandono e à reprovação escolar. Na saúde, os danos podem ser notados no rebaixamento da autoestima e da resistência imunológica, nos sintomas psicossomáticos – dores de cabeça e de estômago, tonturas, diarreia, vômitos, sudorese, estresse, fobias, depressão, suicídio, entre outros. Quando crônica, a vitimização pode resultar em tragédias, como as ocorridas em escolas de diversos países, como nos Estados Unidos, Argentina, Brasil, Finlândia, Alemanha.

Quanto aos agressores, os prejuízos podem ser mensurados na qualidade dos relacionamentos, da aprendizagem, da qualidade de vida, no rendimento, na evasão e reprovação escolar. Seu comportamento intimidador e cruel poderá se solidificar com o

tempo, comprometendo a aprendizagem de valores humanos, o que afetará as diversas áreas de suas vidas. Muitos, quando adultos, cometem a violência doméstica e o assédio moral no trabalho. Outros se envolvem em delinquência, uso de drogas e criminalidade, o que eleva consideravelmente os índices de violência.

Essa forma de violência não envolve apenas vítimas e autores. Temos que pensar que a maioria dos estudantes presencia aos ataques bullying. Muitos ignoram as ações dos colegas, fingindo não ver. Outros se retraem ou aderem ao grupo dos “valentões”, como artifício para não se converterem em próximos alvos. Porém, um grande número de espectadores incentiva, aplaude e se diverte à custa daqueles que sofrem. O resultado é o surgimento de um clima escolar de insegurança e medo, descompromisso, intolerância e falta de solidariedade e compaixão, o que agrava substancialmente os ataques e a consequente banalização do fenômeno, decorrente da impunidade e omissão de muitas instituições escolares.

Várias são as causas do bullying, como os modelos educativos oferecidos pela família – onde há falta de limites, ausência de diálogo e afeto, permissividade, intolerância, agressividade, omissão, falta de exemplos positivos dos pais ou responsáveis –; a exposição dos jovens às inúmeras cenas de violência – através de filmes, jogos de videogame, jogos e comunidades virtuais que fazem apologia ao crime, ao suicídio, à homofobia, à xenofobia, às drogas, ao próprio bullying – e de descaso e desrespeito ao outro – como alguns programas e filmes humorísticos e telenovelas, que têm como alvo de zoações os diferentes –; a violência social e sua banalização; o ambiente escolar – que muitas vezes permite e gera intolerância, desrespeito, omissão –; a crença na impunidade; o incentivo à competitividade; a falta de políticas públicas e investimentos para conter a violência nas escolas; a sociedade consumista e a crise de valores humanos, entre outros.

Essa forma de violência tem sido, ao longo do tempo, motivo de traumas e sofrimentos para muitos, sendo ignorada pela maioria das pessoas, que acredita se tratar de “brincadeiras próprias da idade”, sem, contudo, considerar os danos causados aos envolvidos. Seus estudos são recentes, tiveram início na Suécia, na década de 70, e na Noruega, na década de 80, revelando altos índices de incidência. Aos poucos, os estudos vêm se intensificando em diversos países, como Estados Unidos, Canadá, Japão, Portugal, Reino Unido, Espanha, França, etc.

No Brasil, os estudos datam do ano de 2000, motivo pelo qual a maioria dos brasileiros desconhece o tema, sua gravidade e abrangência. Na região de São José do Rio Preto, desenvolvemos um estudo pioneiro com um grupo de dois mil estudantes, de escolas públicas e privadas. O resultado mostrou o envolvimento de 49% em bullying. Desses, 22% atuavam como vítimas, 15% como agressores e 12% como vítimas agres-

oras, aquelas que reproduzem a vitimização.

Estudos mundiais revelam que o fenômeno envolve entre 6% e 40% de crianças em idade escolar. Revelam, também, que os atos bullying tendem a aumentar nos próximos anos, assim como a violência entre os jovens e na sociedade em geral. Dados coletados pelo Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar– Cemeobes, em Brasília-DF, indicam o envolvimento de 45% dos estudantes brasileiros.

O desconhecimento do fenômeno e a dificuldade no desenvolvimento de ações eficazes – devido à sua complexidade e dificuldade de identificação – têm contribuído para a disseminação em larga escala, uma vez que 80% das vítimas tendem a reproduzir a vitimização nos mais diversos contextos, o que agrava ainda mais o problema.

Por isso, é urgente o desenvolvimento de programas antibullying, que envolva toda a comunidade escolar, em parceria com as diversas instituições protetivas dos direitos das crianças e dos adolescentes. O bullying viola tais direitos e deve ser identificado prematuramente. Para tanto, é necessário que a prevenção comece pelo conhecimento, sendo imprescindível que as escolas conscientizem seus profissionais, alunos e pais sobre a gravidade desse tipo de comportamento, que são passíveis de punição em lei.

Nesse sentido, desenvolvemos o programa antibullying Educar para a Paz, implantado, pioneiramente, na Escola Municipal Luiz Jacob, em São José do Rio Preto, entre os anos de 2002 e 2004. É composto por um conjunto de estratégias psicopedagógicas, direcionadas aos professores, alunos e pais, além de envolver a comunidade onde a escola está inserida. A implantação do programa na referida escola demonstrou ser eficaz na redução do comportamento bullying. O que antes era uma realidade de 66% de envolvidos no fenômeno, dois anos mais tarde transformou-se num resíduo de apenas 4%.

O programa Educar para a Paz tem conseguido auxiliar as escolas na redução do bullying escolar, bem como nas diversas outras formas de violência. Nossa intenção é disseminar a cultura de paz nas escolas, por meio de ações que incentivem a solidariedade, a tolerância e o respeito às diferenças. Incentivamos a criação de grupos de alunos e pais solidários nas escolas. O objetivo é que a atuação do grupo seja intensificada nos horários de entrada, recreio e saída, inibindo a ação dos agressores e incluindo os que têm dificuldades relacionais, além dos alunos novos.

Atualmente, o programa é referência em inúmeras escolas públicas e privadas do país e fora dele. Tendo nosso acompanhamento direto, podemos citar as escolas de ensino fundamental II, da rede pública municipal de ensino de São José do Rio Preto (2008), as escolas de ensino fundamental I e II, da rede pública municipal de ensino de Cedral (2009) e todas as escolas filiadas ao Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal, Sinepe/DF (2005-2009).

No livro *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*, publicado pela Verus Editora, em 2005, trazemos o programa antibullying na íntegra (p.91-153). As escolas poderão se apropriar do programa e adaptá-lo de acordo com a sua realidade.

Esperamos que o programa Educar para a Paz possa contribuir na formação de jovens mais conscientes, tolerantes e solidários, corresponsáveis na construção de um ambiente mais justo, fraterno e de paz na escola, na família e na sociedade.

Acreditamos que a paz é a semente que devemos plantar no coração de cada criança, de cada adolescente, de cada jovem, enfim, no coração de todos os seres humanos, em especial no coração daqueles que se dedicam à arte de educar.

Referências bibliográficas

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

_____. Os danos do cyberbullying. *Revista Pedagógica Pátio. A escola multimídia*. Ano XI. Novembro 2007. P. 48-51. Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. As doenças do professor. *Revista de Educação AEC*. Vol. 36, n.142. São Paulo: 2007.

_____. Bullying: o outro lado da escola. Edição especial n. 4. Série Olhar Adolescente. Os incríveis anos de transição para a idade adulta. *Mente & Cérebro*. São Paulo: Duetto, 2007.

_____. Brincadeiras perversas. *Mente & Cérebro*. São Paulo: Duetto. P.74-79. fevereiro 2008.

FANTE, C. & PEDRA, J.A. *Bullying escolar. perguntas & respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

A escola e os temas atuais

Sylvia Cavasin²⁵

O objetivo deste texto é convidar educadores e educadoras para juntos dialogarmos sobre alguns temas recorrentes no cotidiano das escolas e que estão presentes na vida de todas as pessoas, sejam adultos, adolescentes ou jovens.

Estamos nos referindo aos temas relacionados à sexualidade, às relações entre os gêneros e à diversidade sexual. Não são temas novos nem inventados, estiveram presentes de diferentes formas ao longo da história da humanidade e são tratados e vivenciados de acordo com os padrões culturais de cada época e de cada sociedade. Atualmente eles estão pautados dentro das políticas sociais e habitam e podem ser identificados nas práticas e nos discursos das diferentes instâncias da sociedade civil, nos governos e nas instituições sociais, entre as quais, a escola.

Foi, principalmente, nas últimas duas décadas do século passado e no início do século XXI que a temática da sexualidade ganhou força e se programou na área da educação, na maioria das vezes associada ao discurso da prevenção e com presença significativa nas ações de prevenção às DST/HIV e aids. No decorrer dos últimos anos, outros marcadores foram se associando ao tema da sexualidade, entre eles gênero, idade, etnia, orientação sexual, diversidades e classe social.

Poderíamos perguntar até que ponto a escola está preparada para enfrentar os desafios de trabalhar com tais temáticas. Na realidade, a escola não está preparada para esses desafios e tampouco para muitos outros que virão. No entanto, esse é um exercício constante, preparar-se para tudo que compõe o acervo civilizatório de cada época, em que pesem dificuldades de diferentes ordens. No caso da sexualidade, relações de gênero e diversidade sexual, constatamos impedimentos de ordem sociocultural – que não legitimam a aquisição de conhecimentos em sexualidade e temas associados, como um direito de todo/a cidadão/cidadã em idade escolar –, o currículo das universidades ou a lacuna dessas temáticas na formação acadêmica de professores, a falta de formação continuada para aqueles que iniciaram ações junto à escola, a falta de prioridade ou ausência de um projeto político pedagógico nas escolas, que contemple a temática da sexualidade. No âmbito das políticas públicas detectamos o recrudescimento de iniciati-

25. Sylvia Cavasin é cientista social, fundadora e coordenadora da Ecos – Comunicação em Sexualidade e é pesquisadora dos temas Sexualidade, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Diversidades e Relações de Gênero.

vas sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, e em grande parte dos estados, a dificuldade de implementação do Projeto *Saúde e Prevenção nas Escolas* – SPE, iniciativa interministerial entre saúde e educação com cobertura para todo o Brasil.

A despeito de dificuldades de todas as ordens, não há que se pôr em cheque a importância do papel da escola, assim como de seu corpo docente, na desconstrução de mitos e preconceitos, na aquisição de valores democráticos e também no sentido de garantir a respeitabilidade para com o outro. É na escola que se formam cidadãos e cidadãs capazes de exercer seus papéis sociais. O ambiente escolar abriga toda a riqueza e complexidade do convívio social, e neste sentido se tornou o lócus mais almejado para a realização de um trabalho com adolescentes e jovens, com base em metodologias participativas, democráticas e inclusivas.

O/a educador/a é sem dúvida um personagem fundamental na história de vida de todos/as nós. É por meio dele/a que certos valores e saberes são legitimados, que pela sua voz as palavras ganham sentido, que por meio de seus gestos ou da ausência deles são internalizadas normas e atitudes. Hoje, o educador é, também, um mediador, e deve se preparar para isso, pois se trata de uma exigência do mundo moderno. É com o educador que contamos para a construção de um mundo melhor e mais justo.

Ações na escola

Para desenvolver um trabalho voltado para essas temáticas, além do mergulho no tema, os/as educadores/as podem contar com inúmeros materiais de apoio, impressos e audiovisuais, principalmente aqueles que sugerem a adoção de uma metodologia participativa, passível de adaptação no contexto das diferentes disciplinas.

Em um primeiro momento, é preciso assegurar que um trabalho com a perspectiva de gênero e respeito à diversidade sexual na escola implica em o/a educador/a obter o apoio dos demais profissionais. É importante que a postura cotidiana dos/das educadores/as transmita uma visão crítica em relação a atitudes sexistas e homofóbicas que possam ocorrer em toda a escola. A escolha das atividades deve ser pautada pela possibilidade de propiciar a reflexão. As relações entre os gêneros podem e devem ser questionadas e trabalhadas em qualquer situação escolar, uma vez que tanto esse tipo de desigualdade quanto os estereótipos atribuídos a homens e mulheres apresentam-se de forma nítida nas relações entre os alunos e as alunas em sala de aula, nas atitudes, nas brincadeiras e no próprio material didático. Ao/a educador/a cabe sinalizar a rigidez das regras que definem o que é ser homem e o que é ser mulher em uma determinada cultura, apontando para a imensa diversidade dos jeitos de ser. Também as situações de depreciação ou menosprezo pelos/as colegas que possuem características diferentes das socialmente

esperadas necessitam da intervenção imediata do/da educador/a, a fim de se trabalhar o respeito às diferenças. A promoção da diversidade constitui um fator de inclusão, e a educação só é inclusiva e de qualidade se for realizada a partir da valorização da diversidade, se aguçar nossa crítica e nos levar a interrogar nossas certezas, incertezas, limites e possibilidades.

Recentemente, foi noticiado pela mídia um exemplo claro de preconceito, machismo e homofobia em um time de futebol, o Figueirense, conforme matéria publicada em 19 de março na internet:

Uma novidade agitou o treino do Figueirense na última quarta-feira. Com a chegada do técnico Roberto Fernandes, os jogadores terão que se acostumar ao método de castigo: quem treinar mal, no dia seguinte terá que usar um microvestido rosa por cima do uniforme. Mico? Dos grandes. O primeiro que sofreu com a punição foi o meia Jairo. Encabulado, ele deu tudo de si e teve que aguentar as piadinhas dos colegas, que não economizaram nas risadas.

(<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Figueirense/0,,MUL1050244-9864,00.html>)

A matéria gerou inúmeros protestos de organizações não-governamentais e governos, mas infelizmente houve quem achasse o castigo “engraçadinho”.

A Rede de Homens pela Equidade de Gênero²⁶ lançou nota de repúdio na qual avaliou:

....a humilhação é um ótima maneira de “mexer com os brios” de um time masculino de futebol que não tem atuado com a performance esperada. E qual seria a maior humilhação para um grupo de jogadores supostamente composto por homens heterossexuais? Óbvio, devem

26. A Rede de Homens pela Equidade de Gênero (Rheg) congrega um conjunto de organizações da sociedade civil que atuam na promoção dos direitos humanos, com vistas a uma sociedade mais justa, com equidade de direitos entre homens e mulheres. A Campanha do Laço Branco é a principal ação da Rede, a qual compreende um conjunto de estratégias de comunicação com vistas a sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra as mulheres. Integram a Rheg: Instituto Papai (PE), Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE); Instituto Noos de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimentos de Redes Sociais (RJ), Instituto Promundo (RJ), Coletivo Feminista (SP), Ecos – Comunicação em Sexualidade (SP), Margens/UFSC e a Themis (RS). Contato: lacobranco.org.br

ter pensado os machistas de plantão do Figueirense, caracterizá-los com algum adereço estereotipado que remeta a mulheres ou homossexuais! Aparentemente se almeja com a “brincadeira” que nenhum jogador aceite passar por tal vergonha mais de uma vez, e com isso, todos mostrem toda a sua dedicação viril em campo. Uma pena para o futebol, que já vive cercado por demonstrações de violência, machismo e homofobia. Uma pena para os jogadores do Figueirense, que ao invés de terem um espaço acolhedor e inspirador de trabalho, são humilhados para melhorarem suas performances. Um motivo de indignação para mulheres e homens, de todas as orientações sexuais, que desejam uma sociedade com igualdade de direitos e sem preconceitos. Discriminação e preconceito não têm graça nenhuma!

Aos educadores e às educadoras cabe dizer que a homofobia, como qualquer preconceito e discriminação, é uma construção social ampla e complexa, mantida por toda uma sociedade, e não foca exclusivamente as pessoas que mantêm relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo, vai muito além.

No momento em que estamos assistindo a uma verdadeira ebulição dos valores cristalizados, e que reconhecidamente o mundo parece viver sob a égide da rapidez, não seria sem tempo a escola ancorar um debate sobre equidade de gênero e homofobia; essa proposição certamente ajudaria o desenvolvimento de um espírito crítico junto a adolescentes e jovens e, provavelmente, extrapolaria os muros da escola para incidir sobre as manifestações de machismo e homofobia, infelizmente, presentes todos os dias.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M; CASTRO, G. M; SILVA, L. B. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: Unesco, 2004.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). *Sexualidade na escola*. São Paulo: Summus, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Brasil sem homofobia*; programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

ARRUDA, Silvani; CAVASIN, Sylvia. Escola, orientação sexual e programas preventivos, in: *Prevenir é sempre melhor – 99*. Coordenação Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

CAVASIN, Sylvia. Diversidade sexual: abrindo caminho contra o preconceito. *Ciência Hoje na escola*, vol. 13. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2007.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO; SCHERING; ECOS. *Sexualidade: prazer em conhecer*. Livro do professor. Rio de Janeiro, 2001.

GAPA-BA; ECOS. *Aids, sexualidades, relações raciais e gênero: desafios na escola contemporânea*. Salvador: 2004.

INSTITUTO PROMUNDO et al. *Sexualidade e saúde reprodutiva*. São Paulo, 2001. (Trabalhando com homens jovens, cad. 1).

_____. *Da violência para a convivência*. São Paulo, 2001. (Trabalhando com homens jovens, cad. 3).

JESUS, Beto et al. *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. Ed. especial revista e ampliada. São Paulo: Ecos – Comunicação em Sexualidade, 2008.

SARTORI, Ari José; BRITO, Néli Suzana (Orgs.). *Gênero na educação: espaço para a diversidade*. Florianópolis: Genus, 2004.

VIANNA, Claudia & RIDENTI, Sandra Unbehaum. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Teo W.; CALAZANS, Gabriela. *Prevenção das DST/Aids em adolescentes e jovens*: brochuras de referência para os profissionais de saúde. São Paulo: Secretaria da Saúde/Coordenação Estadual de DST/Aids, 2007. Disponível em: < http://www.crt.saude.sp.gov.br/instituicao_gprevencao_brochuras.htm>. Acesso em: 18 jul. 2008.

Ayres, José Ricardo de C. M. O jovem que buscamos e o encontro que queremos ser: a vulnerabilidade como eixo de avaliação de ações preventivas do abuso de drogas, DST e aids entre crianças e adolescentes. *Idéias*: FDE, São Paulo, n. 29, p. 15-24, 1996. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_29_p015-024_c.pdf.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: primeiro e segundo ciclos: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Violência intrafamiliar*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. _____. *Saúde e prevenção nas escolas*: guia de educadores e profissionais da saúde. Brasília: MS/MEC/UNFPA/UNICEF/UNESCO, 2008.

CORSA/ECOS. *Diversidade sexual na escola*: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. São Paulo: 2008. Edição especial para a FDE.

ECOS. *Boletim Transa Legal para Famílias*. São Paulo: ECOS, 1999.

MANN, Jonathan et al. (Orgs.). *A aids no mundo*. Rio de Janeiro: ABIA; IMS; Uerj; Relume-Dumará, 1993. História Social da Aids, 1.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Brasília: OMS/OPAS/UNDP/Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

SCHILLING, Flávia. *Indisciplina, violência e o desafio dos direitos humanos nas escolas*. < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/10_schilling.pdf> Acessado em 11 de dezembro de 2008.

UNBEHAUM, Sandra. Educação e direitos humanos. In: *Cadernos de textos da reunião técnica*. São Paulo: FDE, 2008.

SOBRE O DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA

Objetivos

O Departamento de Educação Preventiva faz parte da Gerência de Educação e Cidadania e tem como objetivo implementar na rede estadual de ensino um programa de educação continuada que propicie condições para o desenvolvimento e o estabelecimento de valores éticos, para a discussão sobre o cuidado, o respeito a si e ao outro, para a responsabilidade, a autonomia e a justiça.

Abordando aspectos da sexualidade, gravidez na adolescência, diversidade sexual, redução do uso indevido de drogas, violência, penas alternativas e prevenção das DST e do HIV, o Departamento contribui para a diminuição da vulnerabilidade de crianças e jovens, articulando-se com as esferas federal, estadual e municipal.

Suas ações acontecem por meio de reuniões técnicas junto às Diretorias de Ensino, favorecendo a integração da escola com a comunidade como prática no processo de construção da cidadania. Essas orientações são subsidiadas por materiais específicos que facilitam a inserção das ações de prevenção nas propostas pedagógicas das escolas de Ensino Fundamental e Médio. O eixo metodológico das ações preventivas referenda-se na proposta de transversalidade contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Projetos em andamento:

Comunidade Presente

Na rede estadual de ensino desde 1998, este projeto tem como objetivo fortalecer as Diretorias de Ensino e as Oficinas Pedagógicas das escolas da rede pública estadual de São Paulo na busca por estratégias voltadas para a reversão de situações de conflito e violência.

Justiça e Educação: Parceria para a Cidadania

Tem como objetivo contribuir para a redução de violência nas escolas por meio de ações educativas integradas entre as áreas da Justiça e da Educação por meio da formação de educadores nas práticas da Justiça Restaurativa. Este projeto iniciou-se em 2006 e vem sendo implantado, paulatinamente, em algumas Diretorias de Ensino. Em 2008, foi classificado em 2º lugar no Prêmio Direitos Humanos na categoria *As Secretarias de Educação na Construção da Educação em Direitos Humanos*, outorgado pela Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), e conta com o patrocínio e a execução da Fundação SM.

Prestadores de Serviços Gratuitos à Comunidade

Iniciado em 1989, este projeto objetiva a reintegração social de réus primários e com bons antecedentes. Uma vez que cometeram delitos considerados leves e que não representam quaisquer indícios de periculosidade, estes cidadãos e cidadãs são beneficiados pela Lei nº 9099/95 que possibilita a liquidação de processos criminais mediante o cumprimento de medida alternativa. Na área da Educação, supre as unidades escolares e/ou Diretorias de Ensino de mão-de-obra variada (auxiliares: de serviços gerais, de cozinha, de escritório, de portaria, de informática, de inspeção de alunos, de biblioteca, eletricitas, pintores, encanadores, pedreiros, jardineiros e outros).

Prevenção Também se Ensina

Tem como objetivo geral estabelecer, na rede estadual de ensino, uma proposta de educação permanente que propicie condições para a prevenção das situações de vulnerabilidades dos alunos em relação à gravidez na adolescência, à infecção pelas DST/HIV/Aids e ao uso de álcool e outras drogas. Presente na rede pública estadual desde 1996, o projeto capacita educadores/as nos temas relacionados à prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e ao HIV, por meio de reuniões técnicas e distribuição de materiais atualizados para todas as oficinas pedagógicas e escolas da rede. A partir de 2003, atua em conjunto com o projeto Saúde e Prevenção nas Escolas, um projeto federal que tem como estratégia a integração dos setores saúde-educação, a partir do compromisso dos gestores, responsáveis pelas políticas governamentais nas três esferas de governo – federal, estadual e municipal – consolidando uma política pública de prevenção e promoção à saúde nas escolas.

Materiais distribuídos para as escolas e oficinas pedagógicas das Diretorias de Ensino

1996

A prevenção na escola: relatos de experiências – SEE/FDE.

Adolescência: o despertar do sexo – Içami Tiba – Editora Gente.

Alcoolismo (O) – Ronaldo Laranjeira – Editora Contexto

Amor e sexualidade – A resolução dos preconceitos – Luiz Cushinir e outros – Editora Gente

Boleiros (vídeo) – Ugo Giorgetti – SP Filmes.

Desafios da convivência: pais e filhos – Lídia Rosenberg Aratangy – Editora Gente.

Diário de um adolescente (vídeo) – Scott Kalvert – Vídeo Astros.

Drogas: maconha, cocaína e crack – Ronaldo Laranjeira – Editora Contexto.

Drogas: mitos e verdades – Beatriz Carlini Cotrim – Editora Ática.

Drogas: o que é preciso saber para prevenir – Richard Bucher – Ministério da Saúde.

Drogas, aids e sociedade – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde.

É ou não é (vídeo) – Ecos.

Fala garota! Fala garoto! – PE-DST/Aids – Secretaria Estadual da Saúde – SP.

Fresh (vídeo) – Boaz Yakin – Videolar.

Mancha de batom (vídeo) – PE-DST/Aids – Secretaria Estadual da Saúde – SP.

Manual do multiplicador adolescente – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde.

Meninos e meninas – Domingos Pellegrini – Editora Ática.

Mulher e aids – Sexo e prazer sem medo – Regina Maria Barbosa e outros – Secretaria Estadual da Saúde – SP.

Pode me beijar se quiser – Ivan Angelo – Editora Ática.

Prevenção também se ensina: um documentário (vídeo) – SEE/FDE.

Prevenindo contra as drogas e DST/aids – Cartilha do educador – Richard Bucher – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde.

Revista Ideias nº 20 – SEE/FDE.

Se liga – O livro das drogas – Myltaíno Severiano Silva – Editora Record.

Sexo é sexo – Rosely Sayão – Editora Cia. das Letras.
Sexualidade: a difícil arte do encontro – Lídia Rosenberg Aratangy – Editora Ática.
Sexualidade na escola – Júlio Groppa Aquino (org.)– Summus Editorial.
Sociedade dos poetas mortos (vídeo) – Peter Weir – Videoteca Caras Quality.
Teleconferência: drogas na escola (vídeo) – SEE/FDE.
Um soco no estômago – Luiz Puntel – Editora Palavra Mágica.
Vulnerabilidades, Vulneradolescente (vídeo) – José Ricardo Ayres – Faculdade Medicina USP.

2003

A família contemporânea em debate – Maria do Carmo Carvalho Brant – Editora Cortez.
A tatuagem – Rogério Andrade Barbosa – Ediouro.
Abaixo das canelas – Eva Furnari – Editora Moderna.
Aids e alguns fantasmas no diário de Rodrigo – Jonas Ribeiro e André Neves – Editora Elementar
Aids e escola – Terezinha Pinto e Isabel. Telles – Editora Cortez.
Aprendendo a ser e a conviver – Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro – Editora FTD.
Cabelinhos nuns lugares engraçados – Babette Cole – Editora Ática.
Caixa surpresa – Angela Carneiro – Ediouro.
Carlota Bolota – Cristina Porto – Ediouro.
10 novas competências para ensinar – Philippe Perrenoud – Artmed Editora – 2000
Daniel/Letícia falando de aids – Casa Siloé/Grupo de Incentivo à Vida – Editora Ave-Maria.
Diferenças e preconceitos na escola – Alternativas teóricas e práticas – Julio Groppa Aquino – Summus Editorial.
Educação: um tesouro a descobrir – Jacques Delors – Editora Cortez.
Ética para meu filho – Fernando Savater – Editora Martins Fontes.
Fala garoto/garota – Imesp – 2000

Gravidez na adolescência – Albertina Duarte – Editora Record.

Liberdade é poder decidir – Maria de Lurdes Zemel, Maria Eliza de Lamboy – Editora FTD.

Lolo Barnabé – Eva Furnari – Editora Moderna.

Mamãe botou um ovo – Babette Cole – Editora Ática.

Nós – Eva Furnari – Editora Global.

O homem que não parava de crescer – Marina Colasanti – Ediouro.

O planeta eu – Liliana Iacocca e Michele Iacocca – Editora Ática.

Os direitos humanos na sala de aula – Julio Groppa Aquino e Ulisses Ferreira Araújo – Editora Moderna.

Pandolfo Bereba – Eva Furnari – Editora Moderna.

Pássaro contra a vidraça – Giselda Laporta Nicoletis – Editora Moderna.

Sexo e juventude – Carmem Barroso e Cristina Bruschini – Editora Cortez.

Transtornos emocionais na escola – Pippa Aslop e Trisha MCCaffrey – Summus Editorial – 1999.

Umbigo indiscreto – Eva Furnari – Editora Moderna.

Manual de apoio ao trabalho preventivo na escola e na comunidade – Equipe dos Projetos – FDE

2007

Menino brinca de boneca – Marcus Ribeiro – Editora Moderna.

Primeira vez – Ivan Jaf – Editora Moderna.

Viver positivamente – Instituto Kaplan – Editora Vardi

Os 11 sexos – Ronaldo Pamplona – Daniel Toyoiti Kond Produções

Limites sem trauma – Tânia Zagury – Distribuidora Record.

Resolução de conflitos e aprendizagem emocional – Genoveva Sastre e Montserrat Moreno – Editora Moderna.

Comunicação entre pais e filhos – A linguagem do sentido – Maria Tereza Maldonado – Editora Saraiva.

A sociedade da insegurança e a violência na escola – Flavia Schilling – Editora Moderna.

Reunião de pais: sofrimento ou prazer? – Althun Beate e outros – Casa do Psicólogo.

Minha vida de João – Vídeo e CD-ROM – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género.

Drogas – Prevenção à dependência química – LOG-ON – Editora Multimídia.

Manual de práticas e valorização das ações preventivas; subsídios para o educador – Equipe dos Projetos – FDE.

2009

A adolescência – Contardo Calligaris – Publifolha

O corpo das garotas – Jairo Bouer – Panda Books

O corpo dos garotos – Jairo Bouer – Panda Books

Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens – Corsa/Ecos

Era uma vez uma outra Maria – DVD e manual – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género.

Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz – Cleo Fante – Editora Versus.

Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas – Cebrid.

Medo de quê? – DVD e manual – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género.

Saúde e prevenção nas escolas – Diretrizes e guia para o educador – Ministério da Saúde/Ministério da Educação/Unesco/Unicef/UNFPA.

Sexo & Cia.: as dúvidas mais comuns (e as mais estranhas) que rolam na adolescência – Jairo Bouer – Publifolha.

Violência urbana – Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida – Publifolha.

Preconceito e discriminação no contexto escolar: guia de atividades preventivas para a HTPC e sala de aula.

Gerência de Educação e Cidadania

Nivaldo Leal dos Santos – Gerente
Geraldine Aparecida Nakamura
Nadir de Almeida

Departamento de Educação Preventiva

Edison de Almeida – Chefe
Sylvio Antonio Miranda
Deisi Romano
Jurema Correa Panza
Valdir Sassi

Departamento Editorial da FDE

Brigite Aubert – Chefe

Projeto gráfico e editoração eletrônica
Glauber de Foggi

Revisão
Luiz Thomazi Filho

CTP, impressão e acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Tiragem
5.600 exemplares

